



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
PRÓ – REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO



PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM MATEMÁTICA - PROFMAT

LUIS HENRIQUE MELO DE MATOS JUNIOR

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO:

Um Enfoque no Ensino Médio

São Luís - MA

2024

LUIS HENRIQUE MELO DE MATOS JUNIOR

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO:
Um Enfoque no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como requisito para obtenção do Título de Mestre em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Batista dos Santos

São Luís - MA

2024

Matos Junior, Luis Henrique Melo de

A educação financeira como ferramenta de empoderamento: um enfoque no ensino médio. / Luis Henrique Melo de Matos Junior. – São Luis, MA, 2024.

75 f

Dissertação (Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional - Profmat) – Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Batista dos Santos

1.Educação Financeira. 2.Ensino Médio. 3.Gestão Financeira. 4.Tomada de Decisão. I.Título

CDU: 64.031.3:373.5

LUIS HENRIQUE MELO DE MATOS JUNIOR

A EDUCAÇÃO FINANCEIRA COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO:

Um Enfoque no Ensino Médio

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT) da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) como requisito para obtenção do Título de Mestre em Matemática.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Batista dos Santos

Aprovado em: 26 / 06 / 2024

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Roberto Batista dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA



Prof. Dr. Raimundo J. Barbosa Brandão (Examinador Interno)
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA



Prof. Dr. Walter Batista dos Santos (Examinador Externo)
Universidade Federal de Goiás – UFG

São Luís – MA

2024

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação ao meu Pai, que embora não esteja mais entre nós fisicamente, sua presença e seu legado continuam vivos em meu coração e em cada conquista alcançada. Cada página deste trabalho é um tributo à sua memória e uma expressão da profunda gratidão que sinto por tudo que você fez por mim. Esta conquista é nossa e obrigado por tudo que fez por mim e nossa família.

AGRADECIMENTO

Primeiramente, expresso minha gratidão a Deus, por Sua constante orientação e providência ao longo desta jornada acadêmica.

À minha família, especialmente a minha mãe Francirene Matos e irmãos Luis Felipe e Lara Bezerra, pelo amor incondicional, apoio emocional e incentivo constante ao longo de toda a minha trajetória acadêmica. Sem apoio de vocês, esta conquista não seria possível.

Ao meu orientador, Dr. Roberto Batista dos Santos, pela orientação, apoio e incentivo ao longo de todo o processo de pesquisa. Suas sugestões valiosas e seu comprometimento foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo.

Também estendo meus agradecimentos aos membros da banca examinadora, Dr. Raimundo J. Barbosa Brandão e Dr. Walter Batista dos Santos, por dedicarem seu tempo e expertise na avaliação deste trabalho e por suas contribuições construtivas.

Agradeço aos professores e colegas do PROFMAT - UEMA pela troca de conhecimentos e experiências enriquecedoras ao longo do curso. E também à secretária, Annanda, pela competência e disposição a nos ajudar no que fosse preciso.

E expresso minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), pelo apoio financeiro que tornou possível a realização deste trabalho.

Agradeço também aos meus amigos e demais pessoas que estiveram ao meu lado, compreendendo as ausências e compartilhando momentos de estudo e descontração, tornando essa jornada mais leve e significativa.

A todos vocês, meu mais profundo obrigado.

EPÍGRAFE

“Seu lugar no futuro depende das suas escolhas de hoje. Portanto, cuida da sua Educação Financeira”.

(José Pio Martins)

RESUMO

A presente dissertação possui o escopo de inserir o estudo da educação financeira no âmbito da matemática ministrada no ensino médio, visando capacitar os alunos para uma gestão eficaz de recursos financeiros ao longo da vida adulta. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, buscando compreender as percepções dos alunos sobre a integração da educação financeira na matemática e como ela pode influenciar suas habilidades financeiras. Destaca-se a importância da aquisição desse conhecimento durante o ensino médio, período crucial para o desenvolvimento da independência financeira. O objetivo é fortalecer a literacia financeira dos alunos, através de atividades educativas e avaliação de seus impactos, conscientizando-os da importância da temática e fornecendo ferramentas para capacitá-los à tomada de decisões responsáveis. Espera-se que essa abordagem contribua para que os alunos, na fase adulta, sejam mais conscientes e capazes de lidar com suas finanças de maneira eficiente e sustentável.

Palavras-chave: Educação Financeira; Ensino Médio; Gestão Financeira; Tomada de Decisão.

ABSTRACT

This dissertation aims to explore the integration of financial education into high school mathematics curriculum, with the goal of equipping students to effectively manage their financial resources throughout adulthood. The research takes a qualitative approach to investigate students' perceptions regarding the incorporation of financial education into mathematics and its potential impact on their financial skills. Emphasizing the significance of acquiring this knowledge during high school, a pivotal period for fostering financial independence, the study seeks to enhance students' financial literacy through educational activities and assessment of their effectiveness. By raising awareness about this crucial topic and providing practical tools for responsible decision-making, the research aims to empower students to navigate their finances efficiently and sustainably in adulthood.

Keywords: financial education; high school; financial management; decision-making.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Planilha Modelo do Microsoft Excel	21
Figura 2: Fonte: PEIC agosto/2023	28
Figura 3: Fonte: PEIC agosto/2023.	29
Figura 4: Fonte: S&P Global Financial Literacy Survey, 2016.	30
Figura 5: Estruturas dos Sistemas Educacionais, 2014	31
Figura 6: S&P Global Financial Literacy Survey, 2014.....	34
Figura 7: Fonte: Caderno de Eletivas de Base, 2022.....	39
Figura 8: Trabalho produzido pelos alunos acerca do impacto do consumo da energia elétrica e água no orçamento familiar,2023	43
Figura 9: Aula Orçamento Doméstico e Inflação,2023	46
Figura 10: Elaboração de Contracheques pelos alunos da eletiva,2023.....	51
Figura 11: Simulação de Investimento no Tesouro Direto feita no seu site,2023.....	54
Figura 12: A imagem representa a organização da sala para o recebimento dos alunos após a apresentação no pátio, 2023.....	62
Figura 13 A imagem mostra o início da apresentação da eletiva de base para o restante da escola, 2023.	63
Figura 14: Trabalhos feitos pelos alunos na eletiva, 2023.	63

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 – EDUCAÇÃO FINANCEIRA	13
2.1 – A Importância da Educação Financeira.....	17
2.2 – A Ausência da Educação Financeira	23
2.3 – A Situação da Educação Financeira no Brasil e nos Países do BRICS	27
2.4 - A Educação Financeira no Contexto Educacional Brasileiro	35
3 – METODOLOGIA.....	40
4 – DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS	41
4.1 - Educação Financeira: O Que É Isso?	41
4.2 - A Origem da Educação Financeira.....	42
4.3 - Como Está o Nosso Consumo Doméstico?	42
4.4 - Nossa Relação com o Dinheiro	44
4.5 - Orçamento Doméstico e a Inflação	45
4.6 - Renda Bruta e Renda Líquida Relacionadas ao Consumo	49
4.7 - Renda Bruta e Renda Líquida: Consumo Compulsivo	51
4.8 - Armadilhas Financeiras: Empréstimos e Investimentos	52
4.9 - Consumo Responsável, Consumo Inteligente e Consciente.....	55
4.10 - Riqueza X Poupança	56
4.11 - Crédito: Tipos de Crédito e Juros	57
4.12 - Relação entre Crédito e Consumo Consciente.....	58
4.13 - Planejamento Financeiro	59
4.14 - Perfil do Consumidor.....	60
4.15 – Culminância	62
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
REFERENCIAS	67

1 - INTRODUÇÃO

Imagine um mundo no qual o adolescente está prestes a ingressar na fase adulta, carregado não apenas de conhecimento adquirido na escola, mas também tendo compreensão precisa de como gerir seu dinheiro. Nesse lugar, as decisões financeiras não são embasadas em desejos supérfluos, mas em deliberações empoderadas, tomadas com segurança e domínio sobre a matéria. Esse é o cenário que a educação financeira busca construir.

Conforme William Eid Junior e Fabio Gallo Garcia (2001), lidar com finanças pessoais exige habilidades para tratar adequadamente o dinheiro. Logo, é preciso ter consciência da diferença entre querer e precisar, e entre o que é essencial e o que é desejo.

Após a fase escolar, o jovem enfrentará muitas escolhas financeiras sobre como gastar e economizar seu dinheiro. O ensino médio é um momento importante nessa jornada, pois representa a transição para uma vida marcada por independência financeira e responsabilidade pessoal.

Nesta dissertação, mergulhar-se-á no universo da educação financeira no ensino médio, não apenas como um currículo da eletiva de base, mas como uma ferramenta que capacitará o jovem para viver sua vida e tomar decisões conscientes. A educação financeira será explorada de forma a capacitar os jovens estudantes a enfrentar os entraves financeiros de forma confiante e preparada.

Como o plantio de uma lavoura, em que cada semente é cuidadosamente colocada na terra com a esperança de que floresça e dê frutos, assim se dará a implementação da educação financeira na grade curricular de ensino, a princípio como disciplina eletiva. Como as sementes que guardam em si um potencial latente e germinam quando encontram ambiente favorável, os jovens orientados de forma adequada poderão se tornar adultos financeiramente lúcidos, com competência para tomar decisões acertadas.

Os alunos, que inicialmente lutam com os conceitos financeiros, podem se beneficiar de um apoio adicional, seja por meio de programas de tutoria, recursos educacionais alternativos (como aplicativos, jogos educativos, etc.) ou intervenção individualizada. Embora haja diversos obstáculos a serem superados (como a falta de recurso didático adequado, a necessidade de capacitação dos educadores para lecionar sobre a temática e o próprio interesse do aluno), todas as dificuldades são superáveis quando se considera que os frutos a serem colhidos nessa eletiva são a possibilidade de promover inclusão financeira e equidade, em um modelo econômico marcado por desigualdades sociais.

No decorrer desta dissertação, serão abordados diversos aspectos relacionados à educação financeira no Brasil, fazendo ainda um paralelo com os demais países do BRICS, a saber, Rússia, Índia, China e África do Sul. Espera-se, por meio de uma análise crítica e reflexiva, contribuir de forma positiva para o estudo da educação financeira (como um incentivo a implementação da disciplina no ensino médio) e para a formação e consolidação do empoderamento financeiros dos jovens, instruindo-os a tomar decisões informadas e com responsabilidade, o que impactará na sua vida adulta e, conseqüentemente, na sociedade como um todo.

Numa entrevista ao site G1, que faz parte da matéria “Educação financeira: número de jovens inadimplentes no Brasil é preocupante”, publicada em 18/11/2022, o especialista em finanças Guilherme Grillo pondera:

Acredito que seja uma junção de fatores - na qual falta de conhecimento financeiro e também a falta de inteligência emocional para lidar com o dinheiro são os principais. Posso destacar também que hoje o jovem quer “tudo agora, sem pensar” - e, então, esse impulso de querer o prazer imediato sem ter o certo conhecimento sobre educação financeira faz com que o jovem brasileiro fique endividado.
[...] Os motivos para essa falta de controle são que, numa geração na qual redes sociais e vários estímulos ao longo do dia predominam, além de falta de incentivo sobre esses assuntos na própria criação familiar, fazem com que os jovens queiram tudo muito rápido e fácil, e levam isso para a questão do dinheiro também. (Grillo, 2022, on-line)

Para o expert, o jovem dos dias atuais possui um comportamento imediatista, inclusive no aspecto financeiro, levando-o a tomar decisões sem refletir sobre causa e consequência. Diante dessa realidade, a família exerce papel fundamental, pois os jovens são influenciados pelo exemplo de seus pais e, ainda aqueles que não receberam os ensinamentos necessários na idade adequada, poderão ser beneficiados pela educação financeira para “sair do vermelho”:

Mesmo que o jovem não tenha tido a condição de aprender antes, ele pode ter uma oportunidade de despertar o desejo por este tema de educação financeira, podendo se organizar e planejar para não entrar em dívidas. Além do mais, educação financeira é um tema na qual todos poderão levar os aprendizados e aplicações para a vida adulta, e assim os índices de endividamento dos jovens brasileiros seriam menores. (Grillo, 2022, on-line)

A pesquisa que embasou o presente trabalho se iniciou da seguinte inquietação: é possível desenvolver estratégias educacionais que integrem conceitos matemáticos no contexto da educação financeira como potencializador do empoderamento dos estudantes no ensino médio?

A resposta para essa pergunta foi estruturada tendo por objetivo geral pesquisar e aplicar de forma integradora a educação financeira com a matemática no ensino médio, visando à capacitação dos estudantes para o gerenciamento eficiente de recursos financeiros.

Já os objetivos específicos foram:

- ✓ Analisar as competências financeiras consideradas cruciais para o gerenciamento eficaz dos recursos financeiros, destacando conceitos matemáticos correlatos.
- ✓ Criar materiais educativos que abordem especificamente tópicos relacionados ao gerenciamento de recursos financeiros, incorporando conceitos matemáticos essenciais para a tomada de decisões financeiras informadas.
- ✓ Inserir estudos de caso e exemplos práticos nas atividades educativas, proporcionando aos alunos contextos realistas nos quais possam aplicar os conceitos matemáticos aprendidos no contexto do gerenciamento financeiro.
- ✓ Criar estratégias pedagógicas que promovam a compreensão da aplicabilidade prática dos conceitos matemáticos no gerenciamento cotidiano de recursos financeiros, incentivando a transferência de conhecimento para situações da vida real.
- ✓ Realizar avaliações específicas para medir o impacto do programa na preparação dos alunos para os desafios financeiros, incluindo a capacidade de orçar, poupar, investir e tomar decisões financeiras responsáveis.
- ✓ Coletar dados sobre o desenvolvimento das habilidades de planejamento financeiro dos alunos ao longo do programa, destacando áreas de melhoria e sucessos observados.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa para explorar as opiniões dos alunos sobre a integração da Educação Financeira no ensino da Matemática, com foco na capacitação para gerir eficazmente os recursos financeiros. A metodologia foi fundamentada em teorias educacionais, em especial na Teoria Construtivista de Piaget, que enfatiza a construção do conhecimento através da interação social, e em práticas pedagógicas reconhecidas na literatura acadêmica, como a discussão em grupo, debates e estudo de caso. Durante as aulas, foram utilizadas estratégias como roda de conversas, seminários e diálogos, que facilitaram a conexão da teoria da educação financeira com sua aplicação prática. Essas metodologias foram escolhidas para promover um ambiente de aprendizagem participativo e reflexivo, possibilitando uma compreensão mais profunda das implicações práticas dos conceitos financeiros.

A presente dissertação foi elaborada de forma a apresentar os trabalhos desenvolvidos e os resultados obtidos. Dedicou-se a primeira seção à introdução e a segunda ao referencial teórico. O procedimento metodológico adotado foi abordado na terceira seção. Em seguida, foram feitas a análise e a discussão da pesquisa e, por último, as considerações finais acerca do desenrolar da pesquisa.

2 – EDUCAÇÃO FINANCEIRA

A educação financeira começa a ganhar força após a grande depressão econômica que eclodiu nos Estados Unidos entre os anos de 1929 a 1932 e que gerou consequências que atingiram todo o mundo.

Motivada pela superprodução das indústrias e o subconsumo do mercado, a crise culminou, em outubro/1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, acarretando perdas de emprego por todo mundo. No Brasil, seus efeitos foram sentidos na exportação do café (já que os Estados Unidos eram um de seus principais compradores do produto brasileiro), o que ocasionou uma desvalorização excessiva do preço do café e a consequente intervenção estatal para tentar contornar o cenário de crise.

Após a Segunda Guerra Mundial, na sequência do Plano Marshall (instituído pelos Estados Unidos como programa de auxílio econômico para reconstrução dos países europeus aliados), foi fundada, em 1948, a Organização Europeia de Cooperação Econômica com a participação de estados-membros visando à cooperação econômica para reconstrução do continente europeu.

Mais tarde, em 1960, foi assinada sua transformação na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), foro composto por países dedicados à promoção de padrões de atuação em temas como questões econômicas, financeiras, comerciais, sociais e ambientais.

A precursora da OCDE é a Organização de Cooperação Econômica Europeia (OEEC), criada para administrar a ajuda americana e canadiana no âmbito do Plano Marshall para a recuperação da Europa após a Segunda Guerra Mundial.

A Convenção que transforma a OCEE em OCDE foi assinada no Château de la Muette, em Paris, em 14 de dezembro de 1960, e entrou em vigor em 30 de setembro de 1961.

Desde então, a OCDE tem como objetivo promover o bem-estar em todo o mundo, aconselhando os governos sobre a implementação de políticas para apoiar o crescimento resiliente, inclusivo e sustentável. Através das suas análises e recomendações baseadas em evidências para os governos, dos seus padrões e das suas redes políticas globais, incluindo a sua colaboração com o Grupo dos Sete (G7) e o Grupo dos Vinte (G20), a OCDE tem sido capaz de promover reformas e políticas multilaterais. soluções para os principais desafios globais. Para citar apenas alguns exemplos, o princípio do poluidor-pagador desenvolvido pela Organização na década de 1970, o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) na área da educação, o movimento a favor da taxa de transparência no trabalho hoje ou mesmo o uso de métodos artificiais inteligência. Desde a sua criação, a OCDE tem trabalhado para expandir o seu alcance global e reforçar a sua inclusão e relevância. (OCDE, 2013, on-line)

Como se vê, nesse período, as instituições financeiras e governamentais passaram a reconhecer a importância da educação financeira para educar a população em questões relacionadas a dinheiro, investimento e planejamento financeiro.

Acerca da relevância da educação financeira, a OCDE afirma que:

“Educação financeira sempre foi importante aos consumidores, para auxiliá-los a orçar e gerir a sua renda, a poupar e investir, e a evitar que se tornem vítimas de fraudes. No entanto, sua crescente relevância nos últimos anos vem ocorrendo em decorrência do desenvolvimento dos mercados financeiros, e das mudanças demográficas, econômicas e políticas.” (OCDE, 2004, p. 223)

Percebe-se que o estudo da educação financeira ganhou relevância por oportunizar a capacitação das pessoas para que saibam viver em um mundo financeiramente complexo e em constante transformação.

No contexto brasileiro, foi instituído o Comitê de Regulação e Fiscalização dos Mercados Financeiro, de Capitais, de Seguros, de Previdência e Capitalização (COREMEC) com a finalidade de promover a estabilidade do Sistema Financeiro Nacional, mediante a participação dos seguintes órgãos reguladores e de supervisão:

- ✓ Comissão de Valores Mobiliários (CVM)
- ✓ Banco Central do Brasil (BCB)
- ✓ Superintendência Nacional de Previdência Complementar (PREVIC)
- ✓ Superintendência de Seguros Privados (SUSEP)

Instituído pela primeira vez em 2006, extinto pelo Decreto nº 10.087, de 5 de novembro de 2019, e novamente instituído pelo Decreto nº 10.465, de 18 de agosto de 2020, o COREMEC criou, em 2007, o “Grupo de Trabalho do COREMEC” com intuito de elaborar uma estratégia nacional de educação financeira.

Em 2009, esse grupo propôs um esboço da Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), que foi validado pelos quatro reguladores que compõem o COREMEC e, em dezembro/2010, o Decreto Presidencial nº 7.397 estabeleceu formalmente a ENEF, além de também instituir o Comitê Nacional de Educação Financeira (CONEF).

O Decreto nº 7.397, de 22 de dezembro de 2010, foi posteriormente revogado pelo Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020 (ainda em vigor), que, em seu artigo 1º, inciso I, institui a “a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF, com a finalidade de promover a educação financeira, securitária, previdenciária e fiscal no País”. Nesse sentido, a ENEF é fundamentada no conceito de educação financeira estabelecido pela OCDE, o qual foi adaptado para atender às necessidades e realidades específicas do Brasil.

Nota-se a relevância que o ensino da educação financeira possui para a sociedade, seja a nível nacional e/ou internacional. Lizote e Verdinelli (2014) definem a educação financeira como o modo pelo qual as pessoas buscam conhecimento para aprimorar a gestão de seus recursos financeiros e tomar decisões assertivas, tanto no que diz respeito à geração de receitas quanto ao uso adequado delas. Após os indivíduos adquirirem esse tipo de educação, passam a planejar seu futuro e aprimoram sua habilidade de administrar seus recursos de forma eficiente.

A importância histórica da Educação Financeira para os consumidores é inegável, pois tem sido fundamental na orientação para a elaboração de orçamentos, no eficiente gerenciamento financeiro pessoal, no estímulo à prática de poupança e investimento, e na prevenção de fraudes (OCDE, 2004). No entanto, nos últimos anos, sua relevância crescente vai além de suas funções convencionais, estando intimamente relacionada ao contínuo desenvolvimento dos mercados financeiros e às significativas mudanças demográficas, econômicas e políticas que caracterizam o cenário contemporâneo.

Nesse contexto, a Educação Financeira tornou-se crucial para capacitar os consumidores a lidar com a complexidade dos produtos financeiros modernos e a utilizar as tecnologias financeiras de maneira eficaz. Sua relevância também se evidencia na preparação para a inevitável aposentadoria, a considerar as constantes mudanças no sistema da previdência social. Além disso, desempenha um papel vital na inclusão financeira e na redução das desigualdades econômicas, fornecendo às pessoas as ferramentas necessárias para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis. Em um mundo cada vez mais digital e globalizado, a Educação Financeira oferece um suporte essencial, permitindo que os indivíduos naveguem com confiança por suas finanças e alcancem uma maior segurança e bem-estar financeiro.

Portanto, o tema educação financeira não deve ficar somente nos conhecimentos teóricos, uma vez que é capaz de promover mudanças comportamentais nas finanças das pessoas. É uma ferramenta poderosa de capacitação para que se possa tomar controle dos recursos financeiros e, assim, conseguir alcançar maior segurança financeira por mais tempo.

Segundo Teixeira (2010, p. 27) “Educação financeira é a arte de aplicar os princípios e conceitos de finanças em auxílio à tomada de decisões financeiras pessoais”. Em outras palavras, a educação financeira consiste na aplicação dos princípios e conceitos financeiros para ajudar na tomada de decisões relacionadas às finanças pessoais.

Para Kruger (2014), o ato de fazer o planejamento financeiro irá impactar diretamente na qualidade de vida do indivíduo, já que investir em bem-estar futuro para a família implica realizar um planejamento estratégico. O planejamento financeiro atua como um guia, revelando sua posição atual, seus objetivos futuros e as rotas a seguir. A chave para o sucesso nesse

planejamento reside na iniciativa e na habilidade de concretização, e sua prática deve ser uma ação constante.

Conforme Hill (2009), a educação financeira pode ser definida como a capacidade que as pessoas têm de tomar decisões apropriadas ao gerenciar suas finanças pessoais ao longo de sua vida. Essas habilidades não são inatas, elas são moldadas pelo nosso "modelo financeiro".

Para Modernell (2011), a educação financeira é a orientação para viver de acordo com o padrão econômico estabelecido, visando eliminar desperdícios, identificar oportunidades, valorizar o patrimônio pessoal, gerar renda e concentrar esforços no crescimento do patrimônio líquido familiar. O objetivo é elevar o padrão de vida em um ciclo virtuoso, alinhado às expectativas e possibilidades, até alcançar a independência financeira.

Para Olivieri (2013), a educação financeira constitui um contínuo processo de aprendizado, promovendo o desenvolvimento abrangente da capacidade humana para tomar decisões em diversas áreas da vida, abrangendo especialmente aquelas relacionadas ao manejo financeiro para alcançar uma qualidade de vida equilibrada e satisfatória.

Referindo-se à habilidade de compreender, analisar e interpretar as condições financeiras pessoais que impactam o bem-estar, Orton afirma que:

[...] a capacidade de ler, analisar e interpretar as condições financeiras pessoais que afetam o bem-estar em nível material. Inclui a capacidade de discernir sobre decisões financeiras, discutir sobre dinheiro e assuntos financeiros. Planejar o futuro e responder de forma competente às várias etapas e acontecimentos da vida que afetam as decisões financeiras, incluindo acontecimentos da economia em geral. (Orton, 2007, p. 17)

Já Gallery (2011, p. 288) define a educação financeira como "a capacidade de fazer julgamentos inteligentes e decisões eficazes em relação ao uso e gestão do dinheiro".

Tendo como base as definições acima apresentadas, podemos concluir que a educação financeira é um processo contínuo de aprendizado que visa desenvolver a capacidade de fazer julgamentos inteligentes e de tomar decisões eficazes no uso e gestão do dinheiro ao longo da vida. Esse processo promove a ampliação das habilidades em diversos aspectos, especialmente como lidar com as finanças, buscando alcançar uma qualidade de vida equilibrada e satisfatória.

Ao orientar as pessoas a viverem de acordo com um padrão econômico estabelecido, eliminando desperdícios, identificando oportunidades e valorizando o patrimônio pessoal, a educação financeira visa alcançar a independência financeira e elevar o padrão de vida em um ciclo virtuoso, baseado em planejamento, iniciativa e execução constantes.

Mais que simples cálculos, a educação financeira envolve compreender o funcionamento do dinheiro em nossa sociedade, incluindo como ele é ganho, administrado,

investido e utilizado. Trata-se de adquirir conhecimento para tomar decisões assertivas que estejam em consonância com o orçamento e metas de curto, médio e longo prazo.

2.1 – A Importância da Educação Financeira

Embora seja fundamental à promoção do bem-estar pessoal e em sociedade, a cultura brasileira ainda não incorporou a educação financeira como um tema essencial. A matéria vem sendo abordada de forma tímida nos currículos escolares através do Novo Ensino Médio, mas é por vezes negligenciada no contexto familiar em que os pais (frutos de um modelo educacional anterior) não possuem o hábito de ensinar seus filhos sobre questões financeiras.

Alguns países têm priorizado o ensino da educação financeira desde a infância, como é o caso da Finlândia, Noruega, Dinamarca, Suécia, Israel e Canadá, que tratam do assunto com crianças como parte fundamental do currículo escolar e se destacam como nações com altos índices de desenvolvimento humano (IDH). Segundo a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a inclusão da alfabetização financeira no ensino é essencial para promover uma sociedade mais equitativa e justa, contribuindo para o desenvolvimento nacional.

Instruir as crianças para que saibam, desde cedo, utilizar o dinheiro permite que elas desenvolvam habilidades para enfrentar as diversas situações financeiras ao longo da vida. Além disso, aprender a lidar com as consequências das escolhas financeiras influencia positivamente seu comportamento, levando-as a tomar decisões mais conscientes e responsáveis no futuro.

Os benefícios da alfabetização financeira na infância são significativos e duradouros e não impactam apenas o desenvolvimento individual das crianças, mas também contribuem para a formação de uma sociedade mais próspera e sustentável, composta por adultos conscientes da sua responsabilidade e das consequências de suas escolhas. Conforme Silva (2004):

[...] o dinheiro é uma ferramenta fantástica para nos conhecermos e que não é nada agradável, porque quando começamos a entender como nos relacionamos com o dinheiro, ficamos chocados. Descobrimos aspectos de nós mesmo dos quais não tínhamos conhecimento. (p. 7-8)

[...] para que se possa proteger e rentabilizar suas economias é imperativo que se tenha uma boa formação como investidor pessoal e se preocupar com a rentabilidade, risco e liquidez de cada opção disponível no mercado. (p. 34)

Seguindo a mesma linha de pensamento, Rocha (2008, p. 13) diz que “quando o indivíduo tem as finanças em ordem, ele toma decisões e enfrenta melhor as adversidades. E isso ajuda não só na vida financeira, mas também nos aspectos familiares”.

Uma reflexão pertinente surge ao considerarmos a formação da conscientização financeira desde a infância: as crianças já trazem consigo predisposições em relação ao dinheiro ou são moldadas por influências externas? A resposta é clara: cada criança é guiada e instruída na forma como pensa e age em questões financeiras desde o seu nascimento (Eker, 2006).

Segundo D'Aquino (2008), o desafio da educação se torna ainda mais complexo em meio a uma ética de consumo em constante evolução, às rápidas mudanças nos laços familiares e à novidade de viver em um ambiente de estabilidade econômica. Ainda que esse desafio seja cansativo e (por vezes) desorientador, a jornada de proteger, educar e emancipar alguém que se ama não encontra equivalente em prazer e dedicação. A tarefa de instruir os filhos sobre o manejo financeiro surge como uma parte crucial desse processo.

Na vida adulta, a Educação Financeira desempenha papel historicamente crucial para os consumidores. Considerando que o indivíduo desenvolve relações de comércio e consumo ao longo de toda sua vida, a educação financeira lhe proporciona assistência na formulação de orçamentos, no eficaz gerenciamento das finanças pessoais, na promoção de hábitos de poupança e investimento, e na prevenção de fraudes (OCDE, 2004).

A crescente relevância conferida ao estudo da educação financeira nos últimos anos transcende sua função tradicional, estando intrinsecamente ligada ao constante desenvolvimento dos mercados financeiros e às notáveis mudanças demográficas, econômicas e políticas que caracterizam o cenário contemporâneo. Conforme Chiavenato (2003, p. 22), administrar consiste em “organizar, dirigir e controlar o uso de recursos com fito de alcançar objetivos organizacionais e ou pessoais” e, acrescenta:

Trata-se, pois, de um modelo teórico para a ação futura. Começa com a determinação dos objetivos e detalha os planos necessários para atingi-los da melhor maneira possível. Planejar é definir os objetivos e escolher antecipadamente o melhor curso de ação para alcança-los. O planejamento define onde se pretende chegar, o que deve ser feito, quando, como e em que sequência (Chiavenato, 2003, p. 167 - 168).

Via de regra, porém, essa não é uma preocupação de pessoas e famílias em condições de extrema pobreza e vulnerabilidade social, que enfrentam necessidades mais urgentes com alimentação, saneamento básico, moradia e infraestrutura mínima, que tendem a sobrepôr as demandas de inclusão financeira.

É esperável que esse contexto ocasione um certo receio ou uma sensação de insegurança em relação à adesão ao sistema financeiro formal, influenciado pela falta de conhecimento e confiança em uma estrutura na qual, em muitos casos, não há contato físico direto com o dinheiro. Mas, também nesse cenário, a educação financeira se destaca como absolutamente essencial. (Bader e Savóia, 2013).

Silva (2020) destaca a relação direta entre a ausência de Educação Financeira e o nível de endividamento, sublinhando a importância desse aprendizado para prevenir situações financeiras desfavoráveis. Além disso, ele ressalta que muitas pessoas, embora possuam conhecimentos teóricos sobre o assunto, não os aplicam eficazmente em suas rotinas diárias, evidenciando uma discrepância entre compreensão teórica e prática financeira.

Filho (2003) destaca que, por meio de uma gestão financeira cuidadosa, é possível alcançar independência financeira que garanta uma renda adequada durante a aposentadoria, proporcionando uma vida tranquila e confortável. Nesse panorama, tanto o planejamento financeiro quanto o controle de despesas emergem como elementos essenciais para conquistar a autonomia financeira.

Como dito, o crescente destaque que tem tido a educação financeira nos últimos anos, está intimamente ligado ao avanço dos mercados financeiros e às mudanças demográficas, econômicas e políticas. (OCDE, 2004).

No dia 28/03/2023, o estado de São Paulo, por meio de seus deputados Guto Zacarias e Lucas Bove, protocolou o Projeto de Lei nº 231/2023 que foi convertido na Lei 17.743/2023 após sancionamento do governador Tarcísio de Freitas, em 13/09/2023. A matéria abordada pelo Poder Legislativo é de extrema importância para educação financeira, pois sua ementa dispõe sobre a criação do Programa Jovem Paulista, que promove fundamentos de finanças e empreendedorismo no âmbito das Escolas do Ensino Médio Estaduais vinculadas à Secretaria da Educação.

O deputado Guto Zacarias (2023) declarou que "O Jovem Paulista introduzirá no Ensino Médio do Estado de São Paulo uma educação que de fato ajude os jovens, sobretudo os mais pobres, a se integrarem no mercado de trabalho, em cargos com bons salários", afirmando ainda que "Menos endividamento, mais capacitação de mão de obra e fomento do empreendedorismo. Essas são as nossas metas com o projeto, agora, sancionado". Por sua vez, o deputado Lucas Bove (2023) comentou que "agora nós teremos nas escolas aulas sobre empreendedorismo e finanças. Isso é reduzir a desigualdade social, é ensinar para o jovem, sobretudo aquele mais carente, a lidar com dinheiro, a guardar dinheiro, a abrir uma empresa, a investir".

O projeto é um exemplo e incentivo para os demais estados e não deve ficar restrito somente ao estado de São Paulo. Os objetivos do "Jovem Paulista" de preparar os jovens para o mercado de trabalho, capacitá-los para uma vida financeira mais saudável e para a busca de oportunidades empreendedoras é algo que interessa a todos na medida em que contribui para o desenvolvimento pessoal e econômico de toda a comunidade.

O economista Antonio Everton Chaves Junior, da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), em seu artigo denominado “Educação financeira é a ferramenta para combater o endividamento” (29 de outubro de 2021), afirmou que a educação financeira é essencial para enfrentar os desafios do endividamento, garantir uma gestão financeira adequada e preparar as gerações futuras para uma vida financeira saudável. O autor concluiu que investir em educação financeira desde cedo e incentivar a conscientização sobre questões financeiras pode ter um impacto positivo significativo na sociedade como um todo.

Para o economista, o ideal seria iniciar a tratar da questão financeira logo desde cedo, no âmbito familiar:

Por revelar conteúdos complexos, a educação financeira deveria começar dentro de casa. Os ensinamentos podem tornar-se raízes na vida da criança educada financeiramente, que vai estar mais bem preparada para o futuro. Se ela aprender que guardar dinheiro é muito melhor do que não guardar; que gastar menos do que ganha pavimenta o caminho sustentável para poder aproveitar melhor a vida; que a renúncia às vontades pode trazer mais vantagens do que desvantagens; com o tempo tudo isso pode formar um adulto consciente e programado. (Chave Junior, 2021, on-line)

Seguindo a mesma linha de pensamento, Frankenberg (1999) diz que os pais exercem uma influência crucial sobre seus filhos, pois os valores e comportamentos que absorvem na infância moldam sua visão de mundo e impactam suas vidas de maneiras profundas. Essa influência, embora muitas vezes subestimada, pode ser determinante para o desenvolvimento futuro das crianças, tanto de forma positiva quanto negativa.

Quanto mais cedo a criança começar a lidar com o dinheiro, maior a chance de ter uma vida adulta mais prospera, como afirma D’Aquino (2008, p. 4) ao dizer que “a função da educação financeira infantil deve ser somente criar as bases para que na vida adulta nossos filhos possam ter uma relação saudável, equilibrada e responsável em relação a dinheiro.”

Como se pode perceber, os autores são unânimes quanto à importância de a educação financeira ser ministrada desde a educação infantil, na medida em que capacitará a criança para que desenvolva habilidades financeiras essenciais logo com tenra idade, construindo, assim, uma base sólida para um futuro financeiro.

Os especialistas em finanças defendem a realização de um planejamento financeiro tendo como base a Educação Financeira, o que irá proporcionar um maior controle financeiro, reduzindo o estresse e auxiliando no cumprimento das metas lançadas.

Dentre esses especialistas, cita-se Souza (2019) – que defende que enriquecer vai além de acumular riquezas e que ser verdadeiramente rico é alcançar a liberdade – e Pinheiro (2008) – segundo o qual, graças à educação financeira, o sistema econômico se manterá estável, por haver a redução da inadimplência das pessoas. Ambos defendem, portanto, que, por meio da

educação financeira, não só a pessoa consegue sua liberdade como também o sistema econômico se mantém em equilíbrio diante da consequente diminuição da taxa de inadimplência.

Outro conceito importante a ser abordado é o de Fluxo de Caixa, que se refere ao registro de acompanhamento das entradas e saídas de numerários financeiros, seja de uma pessoa física ou jurídica, por um período, geralmente mensal ou anual. Seu grau de relevância é tamanho que, na contabilidade, há uma declaração para avaliar justamente essas entradas e saídas, a Declaração de Fluxo de Caixa. De acordo com Macedo Junior:

[...] objetivo de atingir a satisfação pessoal. Permite que você controle sua situação financeira para atender necessidades e alcançar objetivos no decorrer da vida. Inclui programação de orçamento, racionalização de gastos e otimização de investimentos. (Macedo Junior, 2010, p. 26).

Como o foco é o orçamento familiar, uma maneira simples de explicar de como fazer um fluxo de caixa voltado para família é, inicialmente, identificar todas as fontes de renda, como salários e benefícios e, em seguida, registrar as despesas, abrangendo áreas como moradia, alimentação e transporte. A partir desses dados iniciais, calcula-se o saldo disponível, subtraindo as despesas das receitas. Esse saldo reflete o fluxo de caixa líquido da família.

Excelentes ferramentas para auxiliar na organização do orçamento familiar, os aplicativos de planilhas (como o Microsoft Excel, o LibreOffice Calc, o Planilhas Google, etc.) oferecem uma variedade de modelos de planilhas, incluindo modelos de fluxo de caixa que podem ser usados no âmbito doméstico, como pode ser observado na imagem abaixo:

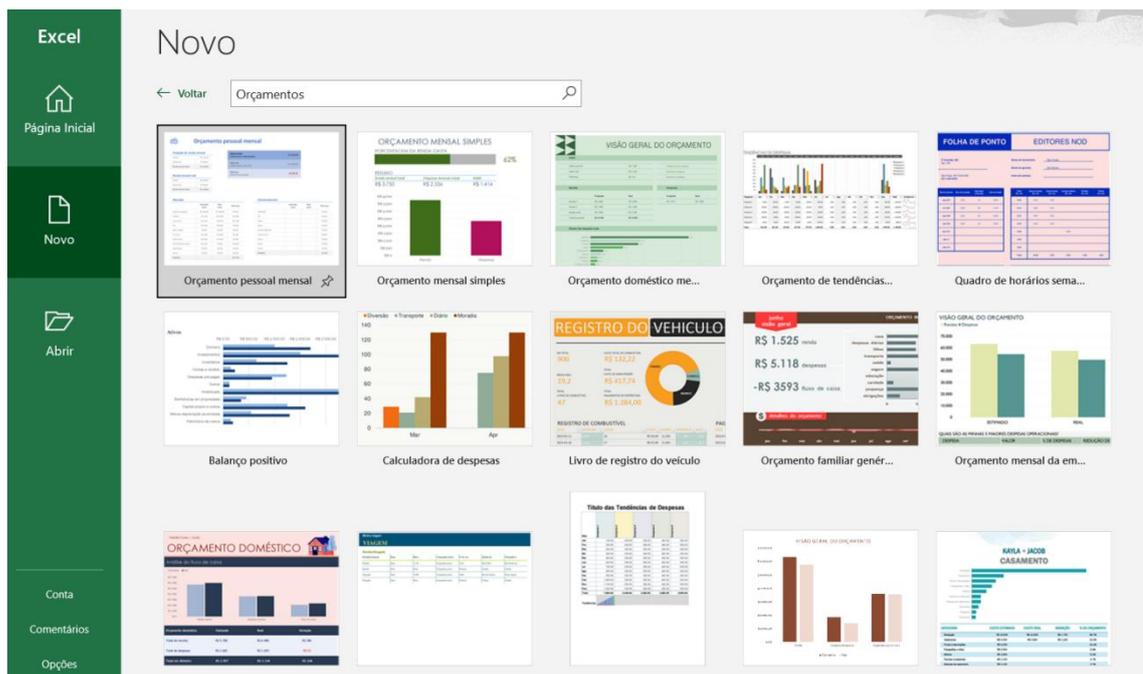


Figura 1: Planilha Modelo do Microsoft Excel

A ferramenta acima é disponibilizada pelo programa Excel para quem adquirir o pacote Office, da Microsoft. Aqueles que não possuem acesso à versão paga também não ficarão prejudicados, na medida em que podem utilizar o programa LibreOffice Calc, componente de planilha do pacote de software gratuito LibreOffice.

Para Piccini e Pinzetta (2014), realizar uma gestão financeira eficaz é fundamental para obter controle financeiro e aumentar a eficiência na distribuição de recursos. Quanto mais refinada for a gestão e o planejamento financeiro, maior será a probabilidade de alcançar um futuro financeiramente próspero e organizado:

[...] Atitudes simples como evitar juros, abusos, valorizar pequenas somas e fazer atividades que não têm custo, geram economia, e com organização e dedicação, podem gerar maiores aportes para a poupança, garantindo segurança e tranquilidade financeira. (Piccini; Pinzetta, 2014, p. 97).

Os autores destacam, de forma sucinta e precisa, como pequenas atitudes financeiras podem impactar significativamente no investimento e garantir segurança financeira. Adotar práticas simples em finanças pessoais faz diferença a curto, médio e longo prazo, evitando juros excessivos e promovendo economia. Esses ensinamentos são primordiais para melhorar a situação financeira. O primeiro passo para essa mudança de hábitos é crucial, independentemente de sua magnitude, o importante é começar.

Ao contrário do que se possa imaginar, obter uma reserva de economia não implica em parar de consumir. A educação financeira vem justamente para afirmar que é possível consumir, mas desde que de forma reduzida e consciente. Huf e Zdanowicz (2017) defendem que o planejamento financeiro pessoal leva ao desenvolvimento de estratégias com fito de alcançar metas e objetivos e, assim, garantir um futuro promissor.

Instituição de apoio às micro e pequenas empresas no Brasil, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) oferece a elas serviços de consultoria, capacitação e suporte para promover seu desenvolvimento e competitividade. Em sua cartilha “PESSOA FÍSICA – Planejamento e Controle Financeiro Pessoal”, o Sebrae afirma que “O princípio da Educação financeira é: saber como ganhar, gastar, poupar e investir seu dinheiro para melhorar a sua qualidade de vida.” (SEBRAE Bahia, 2013, p. 6).

Portanto, falar em educação financeira é invariavelmente tratar da conscientização socioeconômica a nível individual e coletivo. É construir desde o agora um caminho que leve à prosperidade econômica e ao bem estar social.

2.2 – A Ausência da Educação Financeira

Lacuna muitas vezes resultante da falta de atenção dos sistemas educacionais e da influência das culturas do consumo desenfreado, a ausência da educação financeira é um grande desafio que gera implicações nos meios sociais, econômicos e individuais.

O consumismo sem planejamento teve origem na Revolução Industrial, quando a produção e circulação de produtos aumentaram significativamente, alterando o padrão de consumo. Os jovens, em particular, são bastante afetados pelo incentivo ao consumo desenfreado devido ao seu desenvolvimento intelectual e social, muitas vezes carecendo de habilidades financeiras e não resistindo aos impulsos consumistas. A mídia exerce uma grande influência, impondo padrões de consumo e de vida que os jovens tendem a seguir, ainda que isso seja negativo.

Os jovens em desenvolvimento de suas habilidades financeiras e adultos sem conhecimento são constantemente expostos a propagandas em diferentes mídias (como nas redes sociais *Facebook*, *Kwai*, *Instagram*, *TikTok*, anúncios do *YouTube*, etc.), o que influencia seu comportamento de consumo. Essa pressão leva muitos a comprarem sem considerar o custo/benefício ou sua capacidade financeira, resultando em endividamento. A busca por seguir a moda do momento e suprimir angústias reprimidas acaba por alimentar esse ciclo, gerando uma sensação passageira de bem-estar. A falta de educação financeira agrava o problema, levando muitos a não saberem controlar seus gastos.

Em 2011, Drauzio Varella entrevistou o doutor em psiquiatria André Malbergier, e fez a seguinte pergunta: “Vamos pegar o exemplo das compras. Como se distingue um comportamento patológico do comportamento normal da pessoa que vai às compras?” e Malbergier respondeu que:

[...] Com base em estudos americanos, o comprar compulsivo só passou a ser tratado como doença recentemente. Considera-se que uma pessoa é compradora compulsiva quando, em determinado momento, começa a contabilizar prejuízos financeiros, pessoais e de relacionamento provocados pelo descontrole nas compras. Embora as pesquisas mostrem que quase todo o mundo, de vez em quando, compra por impulso, porque comprar por impulso faz parte da natureza humana, o comprador compulsivo não cede a essa pressão eventualmente. Cede sempre, em especial se estiver dominado por sentimentos negativos, entristecido, com baixa autoestima e dificuldade de relacionamento. Em geral, são mulheres que vão ao shopping e começam a comprar sem controle. Às vezes, saem de casa pensando em adquirir determinado produto, mas entram nas lojas e não resistem ao apelo de comprar outras coisas. O interessante é que não compram só para si. Se a abordagem do vendedor for eficiente, sairão da loja carregadas de presentes e, quando alguém reclama que estão gastando muito dinheiro, argumentam “Não seja ingrato. Você se esquece de quantos presentes lhe comprei”. (André Malbergier, 2011, on-line).

A doença do comprador compulsivo é denominada Transtorno de Compra Compulsiva (TCC), ou oneomania, e consiste em um distúrbio caracterizado pela aquisição descontrolada de produtos. Enquanto alguns veem a compra como recompensa, outros enfrentam uma luta constante contra impulsos devastadores. O comprador compulsivo experimenta uma breve euforia seguida de remorso. Com o crescimento do comércio eletrônico, ceder aos impulsos tornou-se mais fácil, mas também mais prejudicial para quem luta contra a oneomania.

O consumo sem consciência acaba acarretando endividamento. Foi dentro desse contexto que a Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão (FECOMÉRCIO-MA) desenvolveu, na cidade de São Luís/MA, em maio/2024, a Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), a qual revelou que 74,4% das famílias de São Luís possuem dívidas, num total de 227.379 famílias.

O estudo mostrou que o endividamento é mais acentuado entre as famílias de maior renda, atingindo 75% das que ganham acima de 10 salários mínimos. Entre os mais ricos, as dívidas estão concentradas em financiamentos de veículos (50,9%) e imóveis (28,1%). Já entre as famílias de baixa renda, o endividamento é majoritariamente devido ao uso do cartão de crédito (78,1%) e carnês de loja (14,7%).

O que se percebe é que, independentemente da condição financeira de uma pessoa, a falta de educação financeira pode leva-la ao endividamento. Tanto indivíduos com altos rendimentos quanto aqueles com renda mais baixa estão suscetíveis a contrair dívidas se não souberem administrar seus recursos adequadamente. Portanto, a educação financeira é crucial para todos, uma vez que proporciona o conhecimento necessário para tomar decisões financeiras informadas e evitar o endividamento descontrolado.

Pessoas sem acesso à educação financeira adequada frequentemente enfrentam dificuldades na gestão de suas finanças. A falta de conhecimento financeiro pode levar a decisões prejudiciais, como altos níveis de endividamento e falta de poupança, resultando em instabilidade financeira e estresse financeiro contínuo.

Especificamente sobre a falta de poupança, Kiyosaki (2000, p. 156) afirma que “A maioria das pessoas simplesmente compra investimentos em lugar de aprender a investir”. Embora muitos desejem investir, não raras vezes aqueles que conseguem acabam por fazê-lo sem planejamento, pois não se preocupam em aprender a investir antes de efetivamente realizar um investimento. Também nesse ponto está uma das grandes importâncias da educação financeira, como aconselha Clason (2005, p. 49) “Não confiem demasiadamente em seus conhecimentos, porque podem estar destinando seus tesouros a investimentos perigosos. [...]

Protejam seus tesouros contra a perda, investindo onde o principal esteja a salvo, onde possa ser reivindicado sempre que o desejarem. [...]”.

O investimento, para muitos, é uma garantia de renda estável e garantia de velhice tranquila, para si e para sua família. Devendo ter prudência e segurança financeira para enfrentar os desafios futuros, o autor Clason corrobora com a ideia quando afirma:

Cabe a todo homem providenciar uma renda condizente para os dias futuros [...] Deve planejar certos investimentos ou provisão que dure com segurança por muitos anos, que estarão disponíveis quando chegar o tempo que ele tão prudentemente previu. [...] Recomendo a todos os homens que, por meios prudentes e bem pensados, se garantam contra uma reserva minguada nos anos de sua maturidade. [...] Seja previdente quanto às necessidades de sua velhice e quanto à proteção de sua família (Clason, 2005, p. 51-53).

Para Eker, o ato de investir, começa em casa, como os pais lidam com a questão do dinheiro “[...] Eram gastadores ou econômicos? [...] Vocês tinham dinheiro sempre ou só esporadicamente? O dinheiro afluía com facilidade [...] ou era suado? Era fonte de felicidade ou motivo de ásperas discussões?” (Eker, 2006, p. 22).

Muitas são as consequências geradas pela ausência da educação financeira, dentre as quais está inclusive o fim da relação conjugal, uma vez que gera conflitos sobre gastos descontrolados e prioridades diferentes, levando a discussões frequentes e tensões no relacionamento. Além disso, a falta de transparência nas finanças, quando um cônjuge esconde gastos ou contas, enfraquece a confiança e intensifica os conflitos.

Acerca desse assunto, matéria publicada pela revista Exame (2013) apontou a desordem financeira como uma das causas mais relevantes e frequentes em divórcios, como concluiu uma pesquisa do Instituto Gallup realizada nos Estados Unidos com 1.500 casais recém separados “que 40% dos casos de divórcio, nos Estados Unidos, tem o dinheiro como o principal motivo das brigas que levaram a separação”.

Esse mal, porém, não afeta só os Estados Unidos. Foi o que apontou um estudo feito pelo Serasa, realizado entre 30 de maio e 5 de junho de 2023, com 1.456 pessoas, intitulado “A saúde financeira entre casais”. Os resultados do estudo mostram que os problemas financeiros são o segundo motivo das separações e divórcios, representando 27% dos casos, atrás apenas da dificuldade de comunicação com 41%. Dentre os entrevistados, 19% afirmaram que já tiveram o nome negativado devido às despesas do parceiro.

A especialista em psicologia do dinheiro do Serasa, Valéria Meirelles, declara:

Falar sobre dinheiro ainda está, de maneira equivocada, associado a mesquinha, a coisas ruins. As pessoas também têm, muitas vezes, vergonha em admitir que não sabem como usar o dinheiro, como controlar. Apesar de ele fazer parte do nosso dia a dia, a administrar dinheiro não é uma coisa tão simples. O problema é que o mau uso do dinheiro acaba desgastando a relação do casal (Valéria Meirelles, 2023, on-line).

Dessa forma, a educação financeira se torna essencial para harmonia conjugal, seja no Brasil, seja no resto do mundo, incentivando uma gestão conjunta e com prudência das finanças do casal.

Além disso, a ausência de educação financeira contribui para a perpetuação da desigualdade econômica e social. Aqueles que têm acesso a recursos educacionais financeiros têm maior probabilidade de alcançar estabilidade financeira e prosperidade, enquanto aqueles que não têm esse acesso ficam em desvantagem, presos em ciclos de pobreza e exclusão social.

O Índice de Gini (ou Coeficiente de Gini), criado pelo matemático italiano Conrado Gini, mede o índice de desigualdade de renda em um determinado grupo, variando de 0 a 1 (quanto mais próximo do 1, mais desigual é o país). Em matéria publicada pela Associação Brasileira da Infraestrutura e Indústrias de Base (ABDIB) em 15 de janeiro de 2024, o Brasil apareceu na 8ª posição no ranking dos 168 países com maior desigualdade de renda segundo o Índice de Gini. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a região nordeste é a mais desigual, enquanto a sul detém a menor desigualdade do país.

A desigualdade social no Brasil, além de elevada, é marcada pela disparidade de renda e acesso a recursos e oportunidades, impactando diretamente na capacidade das pessoas de adquirir conhecimento em educação financeira. As barreiras econômicas e estruturais limitam o acesso a informações e educação financeira adequada, criando um ciclo no qual aqueles que mais precisam dessas habilidades são os que menos têm chances de consegui-las. Portanto é primordial fornecer educação financeira aos jovens é primordial para superar as disparidades decorrentes das diferenças socioeconômicas dos alunos.

Para enfrentar esses desafios, são necessárias abordagens abrangentes e multidisciplinares. Investimentos em programas de educação financeira nas escolas podem fornecer aos jovens as habilidades e conhecimentos necessários para tomar decisões financeiras informadas desde cedo. Além disso, iniciativas comunitárias e recursos online acessíveis podem ajudar a ampliar o alcance da educação financeira para além do ambiente escolar, atingindo uma gama mais ampla de pessoas em diferentes estágios da vida.

Em última análise, reconhecer e abordar a ausência de educação financeira é essencial para construir sociedades mais resilientes e equitativas. Através do investimento em educação financeira e da promoção de uma maior conscientização sobre sua importância, é possível capacitar os indivíduos a tomarem decisões financeiras mais informadas e construir um futuro financeiramente estável para si e para suas comunidades.

2.3 – A Situação da Educação Financeira no Brasil e nos Países do Brics

A educação financeira é um tema de crescente importância tanto no Brasil quanto em todo o mundo, dada sua importância na capacitação das pessoas para gestão eficaz de suas finanças pessoais. No entanto, a situação da educação financeira alterna significativamente entre diferentes países e regiões, sendo influenciada por uma série de fatores socioeconômicos, culturais, políticos e geográfico.

A erradicação da pobreza extrema continua sendo um dos maiores desafios enfrentados pela sociedade contemporânea. Milhões de pessoas ao redor do mundo vivem em condições de miséria, lutando diariamente para satisfazer necessidades básicas, como alimentação, saneamento básico, habitação e infraestrutura mínima. Contudo, nesse contexto, embora pudesse proporcionar meios para a melhoria de suas condições de vida, a educação financeira muitas vezes não é priorizada. Conforme aponta Bader e Savóia:

Pessoas e famílias que vivem em situação de miséria acabam apresentando tamanhas necessidades urgentes – tais como alimentação, saneamento básico, habitação, mínimo de infraestrutura – que as suas necessidades de inclusão financeira ficam em segundo plano. Nesse caso, é possível, até mesmo, que haja receio e sensação de insegurança em entrar no sistema financeiro formal, por falta de conhecimento e de confiança em um sistema no qual, muitas vezes, não há contato físico com o dinheiro. Neste cenário, educação financeira é absolutamente indispensável” (Bader e Savóia, 2013, p. 212).

Dados da Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC), de agosto de 2023, intitulada “Endividamento Tem Segunda Queda, mas Inadimplência Avança” mostra que, em agosto de 2023, houve uma queda de 0,7 ponto percentual no percentual de famílias endividadas no Brasil, resultando em 77,4%, o menor nível desde junho de 2022. No entanto, a inadimplência está aumentando. A proporção de consumidores com dívidas atrasadas subiu para 30%, a mais alta desde novembro de 2022, e 12,7% dos consumidores informaram que não conseguem pagar dívidas de meses anteriores, o maior percentual da série histórica.

A diminuição da inflação e a absorção de trabalhadores pelo mercado formal desde o ano de 2023 ajudaram a melhorar os orçamentos domésticos, reduzindo a dependência de crédito. No entanto, as famílias ainda têm dificuldade para quitar dívidas antigas devido aos altos juros e ao aumento das despesas relacionadas. Como mostra o quadro abaixo:

Síntese dos resultados (% do total de famílias)			
	Total de endividados	Dívidas em atraso	Não terão condições de pagar
ago/22	79,0%	29,6%	10,8%
jul/23	78,1%	29,6%	12,2%
ago/23	77,4%	30,0%	12,7%

Figura 2: Fonte: PEIC agosto/2023

Os valores acima apontam que, apesar de haver uma redução no percentual do endividamento das famílias, em um contexto de alto desemprego e baixo crescimento econômico, a situação econômica do Brasil tende a se agravar. Em resposta a isso, o governo implementou um programa de renegociação de dívidas familiares chamado "Desenrola", cujo objetivo é aliviar as dívidas das famílias brasileiras através de acordos entre credores e devedores, proporcionando condições mais favoráveis para o pagamento das dívidas, como prazos estendidos e juros reduzidos.

Outro dado importante foi quanto ao tipo de dívida. A pesquisa revelou que o percentual de endividados no cartão de crédito, que é a maior dívida do brasileiro pesquisado, caiu para 85,5% em agosto, comparado a 85,9% em julho, marcando a segunda queda consecutiva e o menor nível em um ano.

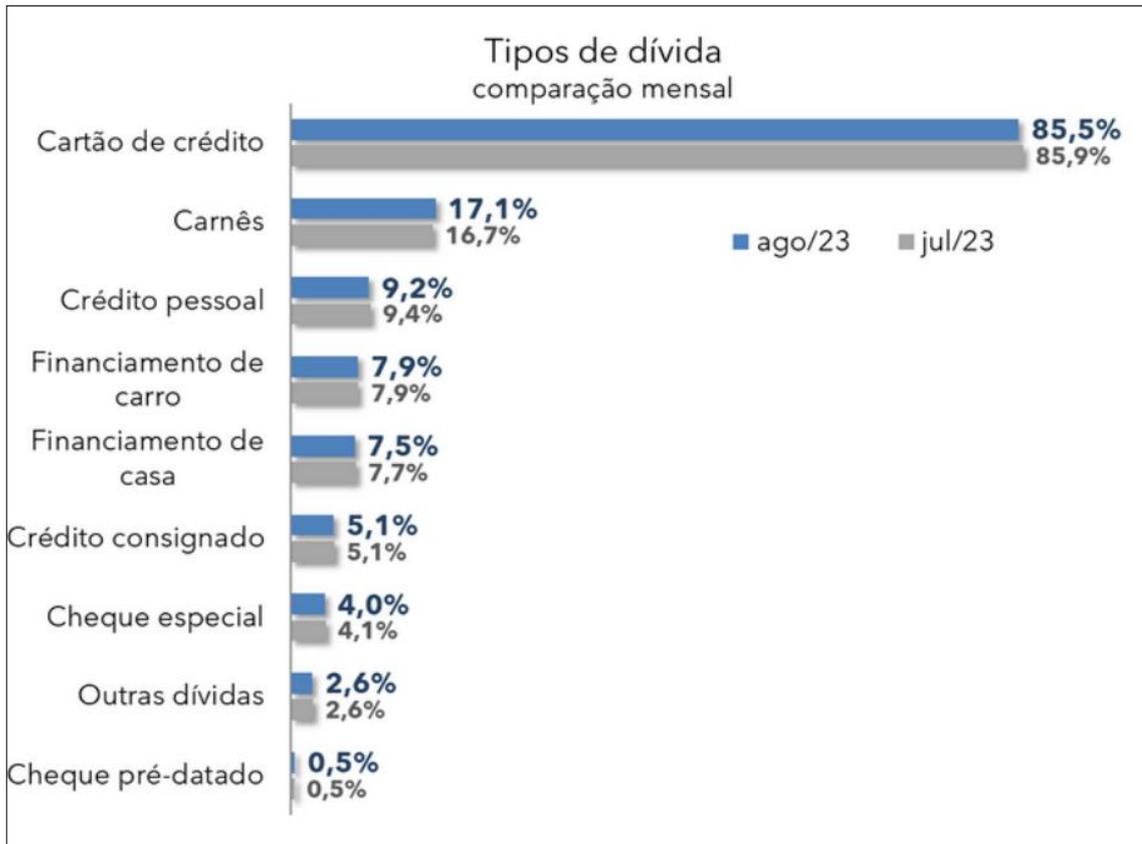


Figura 3: Fonte: PEIC agosto/2023.

Reforçando os dados da pesquisa do PEIC, o Banco Central do Brasil publicou, em novembro de 2023, a edição “Série Cidadania Financeira”, analisando as transformações ocorridas após a pandemia de covid-19.

Uma pesquisa, realizada entre 20 de fevereiro a 06 de março de 2019 com a geração Z (jovens brasileiros com idade entre 18 e 24 anos) e publicada pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL), mostrou como se encontra seu nível de conhecimento acerca da educação financeira.

O estudo, realizado pela CNDL em parceria com o SPC Brasil e o Sebrae e intitulado “Geração Z - A gestão das finanças pessoais”, entre 20 de fevereiro a 06 de março de 2019, revelou dados preocupantes. Mostrou que 47% não realiza o controle das finanças pessoais, e os principais motivos são: não saber fazer (19%), sentir preguiça (18%), não ter hábito ou disciplina (18%) ou não ter rendimentos (16%). Outro dado importante é relativo ao nome negativado que corresponde a 37%, e as razões são: perda do emprego (24%), não possuir planejamento (21%) e o empréstimo do nome para terceiros (20%). Já no tocante a investimento a longo prazo, um dado preocupante revelou que 75,2% não se prepara para a aposentadoria, ou seja, uma entre quatro pessoas o fazem.

O presidente da CNDL, José César da Costa, aponta como possível saída a implementação de uma política pública que não apenas eduque os jovens sobre o como lidar com dinheiro, mas também incentivem o desenvolvimento de habilidades financeiras desde cedo.

A implantação de políticas públicas que não somente conscientizem os jovens, mas incentivem o letramento financeiro e eduquem quanto ao uso do dinheiro. Ao mesmo tempo, são necessárias propostas de intervenções práticas no sentido de incentivar comportamentos adequados e o autocontrole nas decisões de gastos; medidas como a reserva automática de uma parte dos ganhos e a adesão automática a planos de previdência nas empresas e para empreendedores, por exemplo, estimulando o preparo para a aposentadoria e evitando que na velhice toda uma geração venha a depender do Estado ou da ajuda de terceiros. (Costa, 2019, p.12).

A análise do endividamento das famílias no Brasil revela um cenário preocupante, especialmente quando comparado aos outros países que compõem o grupo BRICS. O BRICS é uma associação econômica e política formada por cinco países emergentes: Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Este grupo, criado em 2006, tem como objetivo promover a cooperação entre seus membros em diversas áreas, incluindo economia, política e cultura.

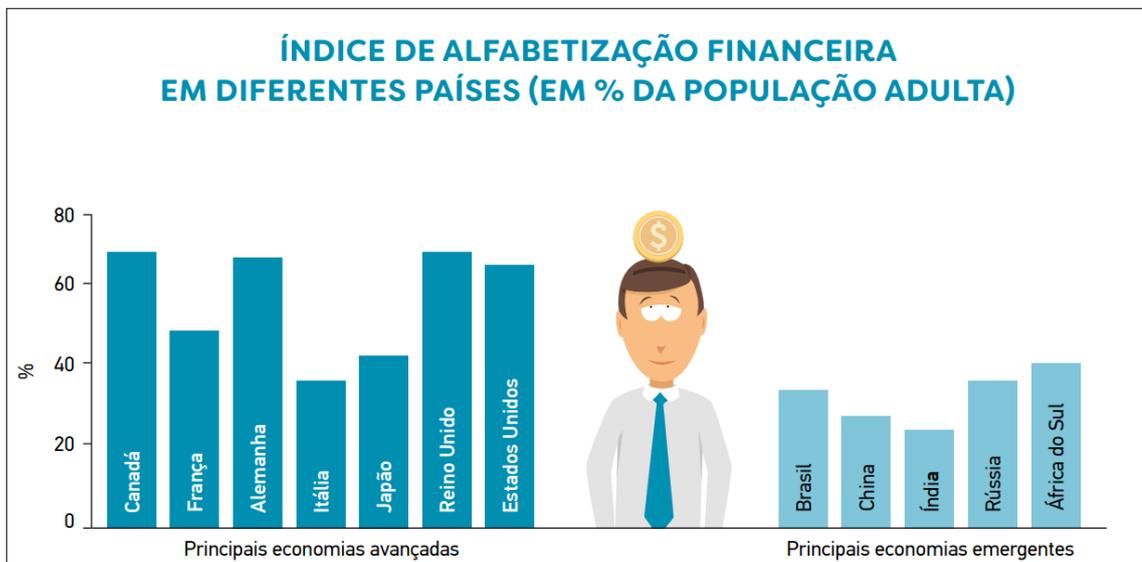


Figura 4: Fonte: S&P Global Financial Literacy Survey, 2016.

A pesquisa global mais abrangente sobre educação financeira, a S&P Global Financial Literacy Survey, revelou que dois em cada três adultos no mundo são analfabetos financeiros. Realizada com 150 mil adultos em mais de 140 países, a pesquisa avaliou os conhecimentos variados nas áreas de risco, inflação, experiência numérica e juros compostos. Os resultados, divulgados em 2016, foram preocupantes, mostrando que o analfabetismo financeiro é amplamente disseminado e varia significativamente entre países e grupos. Apesar do problema

ser global, é possível observar que, nos países do BRICS, ainda há muito o que ser trabalhado nessa temática.

Nos últimos anos, a pandemia de covid-19 impactou significativamente as economias globais, resultando em mudanças profundas no perfil de endividamento das famílias. Ao comparar os dados do Brasil com os de outros países do BRICS, é possível obter uma visão mais clara sobre como cada nação tem enfrentado as dificuldades econômicas e as estratégias adotadas para mitigar os efeitos do aumento das dívidas familiares.

	Brasil	China	Índia	Federação Russa	África do Sul
Faixa de idade obrigatória	4-17	6-14	6-14	6-18, ou até a completar a 11ª série	7-15, ou até completar a 9ª série
Educação pré-primária	Educação pré-primária para crianças com idade entre 4 e 5 anos (obrigatória).	Programa de três anos para crianças com idade entre 3 e 5 anos, ou programa de um ano para crianças com 5 anos.	Pré-escola para crianças com idade entre 3 e 5 anos, ou com 6 anos sob os Serviços Integrados para o Desenvolvimento Infantil.	Três tipos de escolas infantis (para crianças com idade entre 2 meses e 3 anos; entre 3 e 6 ou 7 anos; e entre 5 e 7 anos).	Série R ("ano de recepção") para crianças com 5 anos de idade, a ser universalizada até 2015.
Níveis de educação obrigatórios	Pré-primário (dois anos). Primário e secundário inferior (nove anos). Secundário superior (três anos).	Primário (cinco ou seis anos). Secundário inferior (quatro ou três anos) – variável de acordo com as províncias.	Primário (quatro a cinco anos). Secundário inferior (três anos) – variável de acordo com os estados e os territórios.	Primário e secundário inferior (nove anos). Secundário superior (dois anos).	Primário e secundário inferior (nove anos).
Educação secundária superior	Educação secundária superior geral, técnica ou profissional (três anos, parte da educação obrigatória).	<i>Common senior middle school</i> ; admissão condicionada à aprovação em um exame de ingresso (três anos).	Educação secundária (dois a três anos) e educação secundária superior (dois anos).	Educação secundária "completa" (dois anos, parte da educação obrigatória).	"Formação e educação adicional" (três anos). Não obrigatória, mas com acesso garantido até a 12ª série.

Figura 5: Estruturas dos Sistemas Educacionais
Fonte: UNESCO, 2014

O quadro acima mostra como é o sistema de ensino em cada um dos países que compõe o BRICS. Observa-se que, dentre os países, o Brasil é o país no qual o aluno passa mais tempo na escola.

Em matéria publicada no site minfin.gov.ru, no Dia da Biblioteca de toda a Rússia, o Instituto de Pesquisa Financeira (NIFI) e a Biblioteca Estatal Russa (RSL) firmaram um acordo de cooperação para implementar a Estratégia de Alfabetização e Cultura Financeira até 2030. O documento foi assinado por Vladimir S. Nazarov, diretor do NIFI, e Vadim Duda, diretor da RSL.

A Rússia possui uma extensa rede de bibliotecas - mais de 40 mil em todo o país. A maioria deles está em áreas rurais. Projetos como o da Biblioteca Estatal Russa nos permitirão “chegar” às áreas e assentamentos mais remotos. Na nossa opinião, as bibliotecas tornar-se-ão excelentes plataformas para a educação financeira de adultos e idosos. Além disso, as bibliotecas modernas há muito deixaram de ser locais onde apenas livros são lidos. Agora estes são espaços culturais verdadeiramente confortáveis para reuniões e comunicação, crescimento intelectual e criativo, e agora para o desenvolvimento da cultura financeira (Vladimir Nazarov, 2024, on-line).

A intenção do governo russo é de levar a educação financeira até áreas mais remotas do país. Projetos como esse permitem que mais pessoas tenham acesso a recursos e informações financeiras. As bibliotecas se modernizaram durante os anos e agora são vistas como lugares ideais para educar adultos e idosos sobre finanças e, assim, melhorar sua qualidade de vida.

Por sua vez, a Índia melhorou na tratativa do assunto graças ao Centro Nacional de Educação Financeira (NCFE), que é uma empresa promovida pelo Banco Central da Índia (RBI), Conselho de Valores Mobiliários da Índia (SEBI), Autoridade Reguladora e de Desenvolvimento de Seguros da Índia (IRDAI) e Pensão Autoridade Reguladora e de Desenvolvimento do Fundo (PFRDA). O objetivo do NCFE é:

Promover a Educação Financeira em toda a Índia para todos os setores da população, de acordo com a Estratégia Nacional para Educação Financeira do Conselho de Estabilidade e Desenvolvimento Financeiro.
Criar consciência e capacitação financeira através de campanhas de educação financeira em todo o país para todas as camadas da população através de seminários, workshops, conclaves, formação, programas, campanhas, fóruns de discussão com/sem taxas por si ou com a ajuda de instituições, organizações e fornecer formação em educação financeira e criar material de educação financeira em formatos eletrônicos ou não eletrônicos, apostilas, planilhas, literatura, panfletos, livretos, folhetos, auxílios técnicos e preparar literatura financeira apropriada para o público-alvo sobre mercados financeiros e modos financeiros digitais para melhorar literacia financeira, de modo a melhorar os seus conhecimentos, compreensão, aptidões e competências em finanças. (NCFE, 2012, on-line).

Tal programa é crucial para enfrentar os desafios de alcançar a todos, haja vista a volumosa população e alta desigualdade econômica existente no país. Para combater os entraves, a Estratégia Nacional de Educação Financeira (NSFE), através do documento assinado em 2020 e com validade até 2025, recomenda a abordagem dos ‘5C’ para difundir a educação financeira, que consiste em:

[...] inclui ênfase no desenvolvimento de conteúdos relevantes no currículo em escolas, faculdades e estabelecimentos de formação, desenvolvendo a capacidade entre os intermediários envolvidos na prestação de serviços financeiros, alavancando o efeito positivo do modelo liderado pela Comunidade para a literacia financeira através de uma estratégia de comunicação adequada e melhorando a colaboração entre as diversas partes interessadas. (NCFE, 2020, on-line).

Na China, conforme o Banco Bilbao Vizcaya Argentaria - BBVA (2018), políticas públicas têm sido decisivas na alfabetização financeira da população. O Banco Popular Chinês, em conjunto com as instituições financeiras do país, fez um estudo aprofundado para determinar o nível de conhecimento das pessoas. A cada 2 anos é realizado uma atualização para determinar os próximos passos visando às necessidades reais dos cidadãos. Entre as ações estão publicação de materiais, a utilização de voluntários nas escolas e a formação de professores.

O plano de alfabetização financeira da China tem seu olhar para os alunos mais jovens, mas sem se esquecer dos adultos, através de investimentos em recursos educacionais. Com a intenção de alcançar todo o seu território vasto e diversificado, ela realiza campanhas com a temática financeira sobre a atualidade para que o impacto seja bem significativo.

A China acredita na tese que os assuntos relacionados a questões financeiras devem começar desde a pré-escola e ir até a universidade. Com isso, a alfabetização financeira é integrada ao longo de todo período escolar e os conteúdos tendem a se tornar mais complexos à medida que o aluno vai avançando de ano. Os resultados começam a aparecer, é o que afirma Xue Hu (2018, on-line), representante da Comissão Reguladora Bancária da China (CBRC), ao falar na quarta conferência OCDE/GFLEC: “Os nossos alunos do ensino secundário são muito bons a calcular lucros e margens de juros líquidas”.

Com o intuito de atrair a atenção do público jovem, entre as ações de publicidade, são utilizadas histórias em quadrinhos, filmes, teatro ou jogos. É justamente o que afirma Xue Hu (2018, on-line) quando diz “O uso de uma linguagem fácil acompanhada de ilustrações, tecnologia e redes sociais é eficaz”.

Conforme figura abaixo, dentre os países do BRICS, a pesquisa realizada em 2014 pelo S&P Global Financial Literacy Survey observou-se que a África do Sul é o que possui a maior alfabetização financeira.

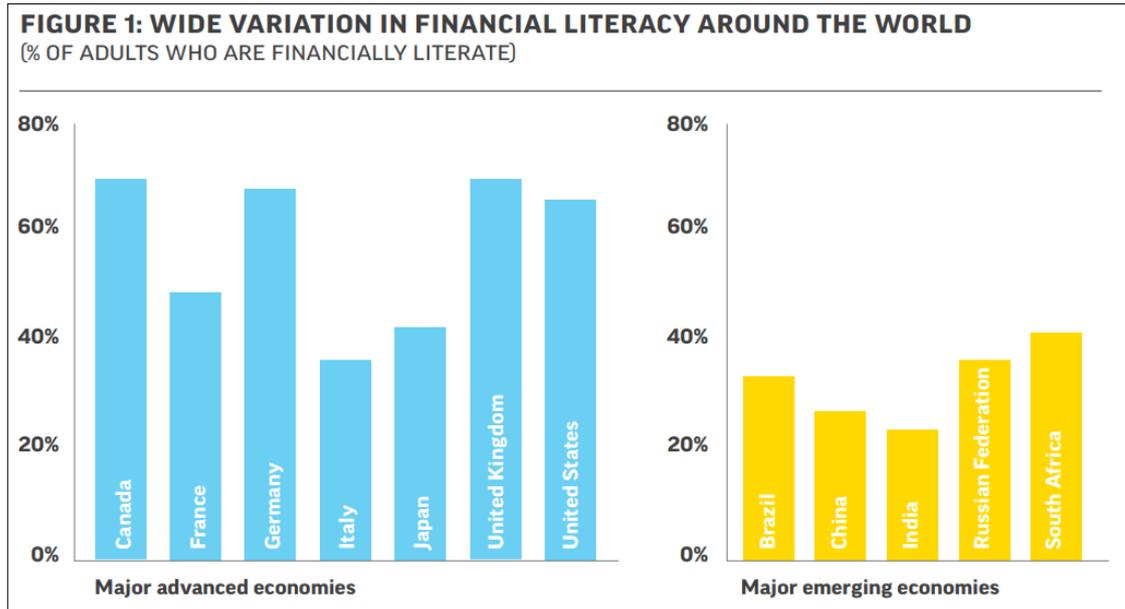


Figura 6: S&P Global Financial Literacy Survey, 2014

A África do Sul é um país marcado por uma desigualdade social muito forte, é o que pontuou o Banco Mundial em 2022 tendo por base matéria publicada pelo Estado de Minas Internacional, segundo a qual 80% da riqueza do país está nas mãos de 10% da população. O banco pontuou que “trinta anos após o fim do *apartheid*, a raça continua a ser um fator chave na elevada desigualdade na África do Sul devido ao seu impacto na educação e no mercado de trabalho”. Para reduzir tamanha disparidade, o governo africano, através do Departamento Nacional de Educação Básica, tem implantado programas e ações da educação financeira nas escolas como, por exemplo, o estudo de contabilidade aos alunos das series 10 a 12.

Alinhado com o governo, o Grupo Banco Africano de Desenvolvimento tem encorajado os jovens a serem empreendedores e, para isso, reconhece que a educação financeira é a chave para essa transformação, pois acredita que essa população seja o trunfo para resolver as questões de desigualdade e desemprego. Wadii Rais (2023, on-line), responsável sênior do setor privado no banco, declarou “Com base nesta experiência pessoal, e para além das minhas interações profissionais, fiquei impressionado com a falta de literacia financeira entre os empresários africanos em geral”. Portanto, nota-se que o governo da África do Sul tem buscado na educação financeira a chave para seus entraves sociais e econômicos.

A educação financeira é de suma importância tanto no Brasil quanto nos países do BRICS e globalmente, diante dos inúmeros desafios enfrentados pela população. Embora haja uma variedade de programas e políticas, públicas e privadas, em vigor, os dados revelam a necessidade contínua de se adotar medidas eficazes para promover a alfabetização financeira em todas as faixas etárias, no mais jovens como aprendizagem e nos adultos como correção do

que já era para ter sido ensinado. Governos, instituições financeiras e organizações da sociedade civil devem colaborar de forma coordenada para garantir que todos tenham acesso ao conhecimento e às habilidades necessárias para tomar decisões financeiras informadas e responsáveis, contribuindo, assim, para o bem-estar econômico e social de todos.

2.4 - A Educação Financeira no Contexto Educacional Brasileiro

Como observado no tópico anterior, a educação financeira tem se tornado uma parte cada vez mais importante na construção dos cidadãos de diversos países, e no Brasil não poderia ser diferente.

As primeiras iniciativas voltadas para a educação financeira no Brasil foram marcadas por programas pilotos e projetos isolados em algumas escolas e comunidades, dentre os quais é possível citar:

- ✓ O programa de educação financeira do banco central (PEF-BC): o banco central, órgão que faz parte da rede internacional de educação financeira da OCDE, desde sua criação em 2008, lançou o PEF-BC com objetivo de fornecer conhecimentos sobre temas econômico-financeiros à sociedade, capacitando-a a refletir sobre sua responsabilidade no planejamento e na gestão financeira, o que inclui entender o papel do banco central e de outros agentes financeiros, visando gerar uma consciência que resulte em práticas que melhorem a qualidade de vida. Suas ações estão vinculadas a cinco pilares:

Planejamento Financeiro – Como administrar melhor o dinheiro, noções sobre orçamento (empresarial ou doméstico), compras a prazo, aplicações, consumo planejado etc.; Economia – Conhecimentos básicos sobre inflação, taxas de juros, variação cambial, indicadores econômicos, poupança, dívidas interna e externa, além de outros temas da atualidade, relacionados ao dia-a-dia das pessoas; Operações Financeiras – Conceitos bancários, tipos de operações, o que são e como funcionam os agentes financeiros, direitos e deveres do correntista, denúncias e reclamações, relacionamento com o Banco Central (entidades reguladoras e de supervisão etc.), microfinanças (microcrédito e cooperativas); Banco Central – Banco Central do Brasil e bancos centrais: o que são, como agem, funções, limites de atuação etc.; Meio Circulante – Uso e preservação de cédulas e moedas; combate à falsificação; história do dinheiro. (Banco Central, 2003, on-line).

- ✓ O programa de aceleração meu bolso em dia da federação brasileira de bancos (FEBRABAN): plataforma digital que tem a missão facilitar a realização de projetos inovadores na área de educação financeira, os quais se comprometem em causar um impacto social profundo. Isso significa não apenas alcançar um grande número de pessoas, mas também promover mudanças culturais significativas e oferecer soluções

tecnológicas que realmente façam a diferença na vida das pessoas. Conforme Isaac Sidney:

Educação financeira é um instrumento fundamental para a economia do país e das pessoas. Somente por meio dela os brasileiros poderão aprender, ao longo do tempo, a lidar melhor com sua renda e seus investimentos e estar mais preparados para fazer escolhas conscientes e prevenir o superendividamento (Sidney, 2023, on-line).

- ✓ A organização para a cooperação e desenvolvimento econômico (OCDE): organização internacional que viabiliza ações voltadas ao desenvolvimento econômico e social. Já a estratégia nacional de educação financeira (ENEF) visa a educação financeira e previdenciária de todo o Brasil, mas ambas buscam fortalecer a capacidade das pessoas de gerir suas finanças de forma responsável. Conforme a professora Alzira de Oliveira Reis e Silva, especialista em educação financeira da associação de educação financeira do Brasil (AEF), o projeto piloto da ENEF, em 2014, “trabalhou um conjunto de comportamentos para que os jovens façam escolhas mais conscientes, se preparando para um futuro mais tranquilo”. O projeto foi tão significativo que analistas do Banco Mundial constataram que elevou o produto interno bruto do Brasil (PIB) em 1%, mostrando que a educação financeira traz benefícios não só para as pessoas, mas também para o país;
- ✓ O Junior Achievement (JA): um dos trabalhos de maior destaque dentre as organizações não governamentais (ONG’S) e que se encontra há mais de quatro décadas no Brasil, tendo como objetivo levar conhecimento sobre empreendedorismo, educação financeira e preparação para o mercado de trabalho para os jovens;
- ✓ O programa “Turma da Mônica” em educação financeira: elaborado em parceria com a Maurício de Sousa Produções, visa promover o contato desde cedo do público infantojuvenil com a educação financeira por meio das revistinhas da Turma da Mônica, as quais contarão histórias com uma linguagem simples, voltada à formação da consciência financeira de crianças, adolescentes e jovens. Em publicação na revista Exame, em 2018, Maurício de Sousa afirmou que, “dessa forma, as crianças têm acesso à informação de maneira prazerosa, diferente da obrigação de decorar um conteúdo, normalmente estranho à sua realidade e ao seu vocabulário”.

O momento legal mais importante para educação financeira nas escolas brasileiras se deu com a publicação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2017. Ela foi incluída como tema transversal a ser abordado na educação básica, começando nos anos iniciais da educação fundamental e indo até o ensino médio.

Campos, Teixeira e Coutinho compartilham do mesmo pensamento quando afirmam (2015, p. 556) que a BNCC fomenta “a educação para a cidadania, ou seja, a preparação do aluno para uma vida ativa, reflexiva e crítica na qual ele possa exercer seu papel de cidadão consciente dos problemas sociais, políticos, econômicos, ambientais, etc., que permeiam sua comunidade”.

Com vistas na interdisciplinaridade, Ruy Cesar Pietropaolo, um dos autores da BNCC desde sua primeira versão, em publicação na revista Nova Escola, em 2018, sobre a pergunta se a educação financeira deve ser transmitida somente pela disciplina da matemática, afirma que “É importante ficar claro que Educação financeira não é exclusividade da disciplina e é algo diferente de Matemática financeira”.

Sob essa mesma pergunta, Ronaldo Vieira da Silva, Chefe-Adjunto do Departamento de Educação Financeira do Banco Central do Brasil (DEPEF), contribuiu informando que:

No caso do ensino da Língua Portuguesa, uma das habilidades incluídas prevê que os estudantes aprendam a ‘ler e compreender, com autonomia, boletos, faturas e carnês’. Já em Ciências Naturais, a Base destaca habilidades relacionadas ao cálculo do consumo de energia elétrica de eletrodomésticos e a avaliação do impacto do uso no orçamento mensal da família. (Ronaldo, 2018, on-line).

Segundo Ronaldo (2018, on-line), “essas habilidades têm o potencial de impactar positivamente no cotidiano da vida financeira do cidadão.”

Alinhado com a Estratégia Nacional de Educação Financeira (ENEF), o Projeto de Lei nº 3145/2020, de autoria do ex-deputado Loester Carlos Gomes de Souza, apresentado ao Congresso Nacional em 04/06/2020, tem como ementa alterar “[...] a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, incluindo educação financeira no rol dos temas transversais obrigatórios da educação básica”. Se aprovado, representará um avanço significativo no reconhecimento da importância da educação financeira, aumentando o conhecimento financeiro da população, seu potencial de investimento informado e sua capacidade de tomar decisões financeiras conscientes e acertadas.

Antes que se possa chegar a esse patamar, porém, é certo que o Brasil vai enfrentar grandes desafios, pois precisará de qualificação para os educadores, materiais didáticos apropriados e alocação de recursos financeiros para embasar na implantação.

Um primeiro passo já foi dado com o advento da Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. Responsável pela reformulação do ensino médio, a lei permitiu a flexibilização do currículo ao ofertar a parte diversificada (§ 1º do artigo 35-A da referida lei) de forma a atender às necessidades e aos interesses dos estudantes, conforme as características regionais e locais

da comunidade na qual estão inseridos (art. 26 da Lei nº 9.394/1996, com redação dada pela Lei nº 13.415/2017).

Nesse contexto, surgem as disciplinas chamadas de Eletiva de Base como uma unidade curricular inovadora que busca integrar o conhecimento acadêmico com o cotidiano dos estudantes, tratando de temáticas reais presentes na comunidade escolar. Com uma abordagem interdisciplinar, essas eletivas fortalecem a ligação entre teoria e prática, beneficiando tanto docentes quanto discentes ao explorar uma variedade de temas ao longo do ano letivo. A duração semestral dessas unidades permite uma constante renovação dos temas abordados, ampliando o repertório de conhecimentos de todos os envolvidos.

As Eletivas de Base desempenham um papel fundamental na vivência escolar ao promover uma aprendizagem através do diálogo e da participação ativa através da vivência dos estudantes. Há uma maior interação na sala de aula, contribuindo para estudos mais significativos, enriquecendo a experiência educativa e fortalecendo a comunidade escolar.

Com isso, a educação financeira acaba por ganhar força graças a eletiva de base, por permitir que as escolas ofereçam conteúdos sob a temática de maneira mais aprofundada.

Na rede estadual de ensino do Maranhão, a implementação da parte diversificada se iniciou em 2020 com os projetos pilotos nos Institutos de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA), Centros Educa+ e, em 2022, concluiu o “Caderno de orientações pedagógicas para eletivas”. Esse caderno fornece diretrizes, sugestões e estratégias pedagógicas para o planejamento, desenvolvimento e avaliação das eletivas alinhadas com os princípios da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e com a proposta curricular do estado. Tudo isso para promover uma educação mais personalizada e engajadora para os estudantes.

Abaixo, estão descritas as diretrizes gerais de como deve ser executada a eletiva de base no ensino do estado do Maranhão.

ELETIVA	
Oferta	Semestral
Carga horária semanal	2 horas-aula
Quantidade de Eletivas por turma	2 eletivas (1ª série), 1 eletiva (2ª e 3ª séries)
Horário	2 (dois) horários fixos e conjugados
Avaliação	Avaliação processual
Registro no SIAEP	Registrar conteúdos e frequência regularmente
Carga horária	40 horas aulas por semestre
Cronograma	20 momentos com o estudante com 2 horas-aula cada um, por semestre
Matriz curricular: Habilidades/Competências/Conteúdos	Documento Curricular do Território Maranhense: Formação Geral Básica (1ª a 3ª série)
Planejamento	Planejamento coletivo e registro no Plano da Eletiva

Figura 7: Fonte: Caderno de Eletivas de Base, 2022

A inclusão da educação financeira no currículo escolar brasileiro tem potencial para gerar impactos positivos significativos na sociedade e, como consequência, no PIB, conforme abordado. Ao capacitar os jovens com conhecimentos e habilidades financeiras, espera-se que eles se tornem adultos mais conscientes e preparados para tomar decisões econômicas informadas, contribuindo para a redução do endividamento e o aumento da estabilidade financeira em seus lares.

Ainda há muito o que ser melhorado, inclusive, por meio da criação de políticas públicas que incentivem a inclusão da educação financeira desde os primeiros anos escolares, o que se tornará obrigatório com a aprovação e transformação em lei do acima mencionado Projeto de Lei nº 3145/2020, cuja apreciação está em trâmite no Congresso Nacional. Ademais, o investimento público contínuo na formação de professores e desenvolvimento de materiais didáticos será fundamental para consolidar a educação financeira como uma ferramenta eficaz no empoderamento dos jovens no campo das finanças.

É necessário, portanto, um esforço conjunto dos governos, das instituições de ensino (públicas e particulares), dos educadores e das próprias famílias para que o estudo da educação financeira se torne uma realidade. Todos trabalhando juntos para que sejam despertadas, na criança e no jovem, a consciência e a vontade de aprender a gerir seus recursos, o que tem o potencial de transformar o futuro da sociedade.

3 – METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, busca aprofundar a compreensão das percepções dos alunos quanto à Educação Financeira integrada ao ensino de Matemática, com foco no empoderamento para gerência eficaz de recursos financeiros. A metodologia é fundamentada em teorias educacionais e práticas pedagógicas.

Segundo Moraes (2003, p. 192):

[...] a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a compreensão.

A abordagem educacional utilizada teve como objetivo desenvolver o letramento matemático financeiro, além de cultivar a educação financeira e o empreendedorismo pessoal em cada estudante, o que foi realizado por meio da eletiva de base do Novo Ensino Médio.

Conforme Ice (2015), por meio das Eletivas de Base, busca-se que os estudantes aprofundem seus conhecimentos ao longo do ensino médio, diversifiquem e expandam seu repertório intelectual, e descubram o prazer de continuar aprendendo ao longo de suas vidas. A eletiva de base é, portanto, uma forma educacional inovadora adotada por alguns países (como, por exemplo, o Canadá) e também pelo Brasil, que busca oferecer maior flexibilidade no currículo e proporcionar aos estudantes uma formação mais alinhada com suas aptidões e interesses, servindo de base para a compreensão de conteúdos além dos tradicionais.

Os participantes são alunos matriculados no 1º ano do Ensino Médio, no turno matutino, totalizando 81 estudantes, de uma escola localizada no bairro da Forquilha, em São Luís/MA. A amostra foi formada por 37 alunos que escolheram participar da disciplina eletiva de Educação Financeira, uma decisão feita voluntariamente pelos próprios alunos, refletindo suas preferências individuais em relação ao conteúdo abordado.

Após a formação da turma pelos alunos, foram conduzidas entrevistas parcialmente padronizadas para explorar suas percepções, atitudes e conhecimentos sobre Educação Financeira. Foram utilizadas perguntas específicas para investigar como eles percebem a relação entre a Educação Financeira recebida no Ensino Médio e seu impacto no gerenciamento de recursos financeiros.

Este estudo busca compreender como diferentes grupos de alunos, de variados contextos socioeconômicos e culturais, aplicam e percebem os conceitos de Educação Financeira em suas vidas diárias.

Após, serão realizados grupos focais para promover a discussão entre os alunos sobre temas relacionados à Educação Financeira, com vistas a identificar padrões e divergências, bem como trabalhar e aplicar o conteúdo aprendido às experiências por eles compartilhadas, alinhando teoria e prática cotidiana.

A avaliação dos dados qualitativos adotará uma abordagem que parte de observações específicas para chegar a conclusões gerais, utilizando técnicas de análise exploratória e organizacional para reconhecer padrões, temas e relações emergentes.

Destaca-se que a presente dissertação será conduzida de acordo com os princípios éticos da pesquisa, assegurando a obtenção de consentimento informado dos participantes e mantendo a confidencialidade de suas informações, quando necessária.

De igual modo, a eletiva seguirá os princípios éticos, com a obtenção do consentimento informado dos participantes e a garantia do anonimato e confidencialidade dos dados, em atenção e respeito às diretrizes de pesquisa qualitativa defendidas por Creswell e Creswell (2017). Por fim, reitera-se a utilização da metodologia qualitativa como meio de aprofundar a compreensão dos alunos sobre a Educação Financeira para que possam colocá-la em prática sempre que necessário.

4 – DISCUSÃO E ANALISE DE DADOS

Inicialmente, foi apresentada aos alunos a ementa a ser utilizada e feita uma breve introdução do tema a ser abordado durante toda a eletiva de base, cujo título foi “Não deixe seu dinheiro descer pelo ralo”. Buscou-se, nesse primeiro momento, não só permitir um primeiro contato dos alunos com a matéria como também despertar sua curiosidade sobre a educação financeira, garantindo seu empenho e participação nas diferentes etapas desta pesquisa.

4.1 - Educação Financeira: O Que É Isso?

A fase seguinte se iniciou com a pergunta: “Educação Financeira: o que é isso?”.

De forma simples, explicou-se aos alunos a importância de aprender com o dinheiro, o que foi feito por meio de exemplos nos quais se trabalhou a diferença entre necessidades e desejos, a importância de poupar e como fazer escolhas financeiras responsáveis.

Para fazer um elo entre a teoria ensinada em sala de aula e o cotidiano, os alunos foram estimulados a contar situações de como suas famílias lidam com os recursos financeiros em seus lares e, a partir delas, foram feitas intervenções com perguntas para trazer a reflexão –

como por exemplo, “será se o meio que está feito é o melhor?”, dentre outras –, justamente para fazer nascer no alunato o senso crítico. Com isso, o aluno foi encorajado a compartilhar suas próprias experiências e ideias sobre dinheiro, criando um ambiente onde se sintam à vontade para fazer perguntas e contribuir com a discussão.

4.2 - A Origem Da Educação Financeira

Após a fase da curiosidade e introdução, o próximo encontro se destinou a tratar de “a origem da Educação Financeira”. O tema é de suma importância, pois o estudo do desenrolar histórico da educação financeira leva à compreensão da sua relevância contínua na sociedade moderna.

Mostrou-se aos alunos que, ao longo dos séculos, as mudanças econômicas, tecnológicas e sociais experimentadas no mundo tiveram especial influência no estudo da educação financeira, que precisou (e precisa) se remodelar continuamente para se adequar às transformações globais. Com o advento da educação formal e o surgimento das instituições financeiras modernas, a Educação Financeira se tornou cada vez mais relevante e conceitos como crédito, investimento e gerenciamento de riscos se tornaram pilares da disciplina, refletindo a crescente complexidade das sociedades modernas.

Ao compreender as raízes históricas da Educação Financeira e sua importância atual, os alunos estarão melhor equipados para enfrentar os desafios financeiros do presente e do futuro, uma vez que foram capacitados para tomar decisões informadas e responsáveis em suas vidas financeiras pessoais.

4.3 - Como Está O Nosso Consumo Doméstico?

A abordagem da temática se deu por meio de uma atividade, ocasião em que coube aos alunos a elaboração de um plano orçamentário.

O encontro seguinte se iniciou com o questionamento “Como está o nosso consumo doméstico?”. O consumo doméstico é um reflexo direto das escolhas e prioridades de uma família. Ao analisar os padrões de consumo, é possível entender melhor as necessidades, desejos e valores que orientam as decisões financeiras no ambiente familiar. Essa compreensão é essencial para os alunos, pois os capacita a desenvolver habilidades de tomada de decisão informada e responsável em suas próprias vidas e, assim, não cair nas tentações impulsionadas pelo comércio.

A intenção de trabalhar esse assunto com os alunos é para prepara-los para melhor enfrentarem os desafios econômicos do mundo real. Ao lhes fornecer uma base sólida de conhecimento e habilidades em gestão financeira, capacita-se a próxima geração para construir um futuro financeiramente estável e próspero.

Como o consumo de água e de energia elétrica representam um impacto significativo sobre o orçamento doméstico, a despesa foi adotada como exemplo. Primeiro, os alunos apresentaram o consumo em seus lares e, a partir de seus relatos, foram feitas intervenções no intuito de lhes mostrar que o aumento dos preços desses recursos e o uso excessivo podem impactar negativamente as finanças familiares, resultando em despesas adicionais e possível endividamento. Como recomendação, foi sugerido a implementação de medidas de conservação, como consertos de vazamentos, instalação de dispositivos economizadores de água e energia, e a adoção de hábitos mais conscientes de uso.



Figura 8: Trabalho produzido pelos alunos acerca do impacto do consumo da energia elétrica e água no orçamento familiar, 2023

Após os alunos terem uma noção do real significado da Educação Financeira, de seu contexto histórico até os dias atuais e da realidade do consumo em seus próprios lares, foi indagado a eles acerca da sua relação com o dinheiro.

O questionamento teve por objetivo verificar se o consumo dos alunos seria mais influenciado por fatores externos de futilidade ou se seria majoritariamente por necessidade. As experiências pessoais foram compartilhadas pelos estudantes e, com isso, foi possível enxergar qual a natureza predominante dos gastos do grupo, o que levou a uma compreensão mais profunda de como o dinheiro afeta as vidas pessoais e influencia as decisões financeiras individuais e coletivas, alcançando-se o objetivo proposto.

4.4 - Nossa Relação Com O Dinheiro

A relação com o dinheiro é uma temática vasta e multifacetada, que está presente nos mais diferentes contextos da vida humana.

Os relatos dos alunos revelaram uma gama de experiências que refletem a diversidade de formas como o dinheiro é percebido e vivenciado. Alguns alunos compartilharam histórias de suas famílias que enfrentam dificuldades financeiras, em que o dinheiro se tornou fonte de preocupação e tensão. Essas experiências evidenciaram como a escassez de recursos pode impactar não apenas as condições materiais de vida, mas também as relações interpessoais e o bem-estar emocional dos indivíduos.

Por outro lado, há relatos de alunos que cresceram em ambientes mais abastados, nos quais o dinheiro era mais abundante e as preocupações financeiras eram menos presentes. No entanto, ainda nessas situações, o dinheiro muitas vezes se revelou um fator determinante na forma desses jovens enxergarem o mundo ao seu redor. Questões como *status*, poder de compra e aspirações de consumo influenciaram suas percepções e comportamentos, moldando suas visões de sucesso e felicidade.

Considerado um dos primeiros (senão o primeiro) pensador da economia enquanto ciência (Passos, 2006), Adam Smith enfatiza a importância do dinheiro como meio de troca e medida de valor, destacando seu papel na promoção do comércio e no desenvolvimento econômico das nações. Contudo, ao longo da história, é possível observar que a relação dos indivíduos com o dinheiro vai além de sua função econômica. O dinheiro muitas vezes se torna um símbolo de status, poder e sucesso, influenciando nossos comportamentos e aspirações.

Além disso, os relatos dos alunos também abordaram questões relacionadas aos hábitos de consumo e à educação financeira. Muitos jovens compartilharam experiências de impulsividade nas compras, influenciadas por pressões sociais e pela busca por gratificação imediata. Esses relatos ressaltam a importância de uma educação financeira desde cedo, que promova o desenvolvimento de habilidades de gestão e planejamento financeiro, bem como uma reflexão crítica sobre os valores e prioridades na vida.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001), em suas análises sobre a modernidade líquida, aborda as transformações nas relações sociais e individuais em um mundo cada vez mais marcado pelo consumo e pela volatilidade financeira. Bauman argumenta que a sociedade contemporânea promove uma cultura do consumo desenfreado, em que o dinheiro é muitas vezes utilizado como uma forma de buscar felicidade e realização pessoal, mesmo que de forma efêmera.

Os casos relatados pelos alunos oferecem um panorama valioso sobre a complexidade da relação humana com o dinheiro e as múltiplas influências que a moldam. Ao se reconhecer a diversidade de experiências e perspectivas, todos são convidados a refletir sobre suas próprias vivências e a buscar uma relação mais consciente e equilibrada com o dinheiro. Através do compartilhamento de experiências e da promoção de uma educação financeira inclusiva, a intenção da eletiva de base é a de construir uma sociedade na qual o dinheiro seja visto não apenas como um fim em si mesmo, mas como uma ferramenta para promover o bem-estar individual e coletivo.

4.5 - Orçamento Doméstico E A Inflação

Após os alunos terem conhecimento do conceito de educação financeira e de como se dá a relação de consumo dentro de seus lares, chegou o momento de colocar essas informações em uma planilha. No âmbito da disciplina eletiva de base, a abordagem do orçamento doméstico, inflação e planejamento financeiro é essencial para equipar os alunos com habilidades práticas de gestão financeira.

[...] Segundo Lei de Engel, que estabelece que, quando o nível de renda dos consumidores aumenta, a proporção da renda gasta com alimentação cresce a uma taxa mais lenta do que a porcentagem dedicada a outros bens. A compra de alimentos costuma consumir uma parcela maior do orçamento das famílias com renda mais baixa. Por isso, a elevação dos preços da comida pesa mais no bolso dos mais pobres (Korte, 2023, p. 46).

A citação acima ressalta os impactos diretos da inflação no poder de compra das famílias, em especial, na compra dos gêneros alimentícios. A elaboração de uma planilha orçamentária se mostra crucial para auxiliar os indivíduos a controlarem seus gastos e ajustarem seus orçamentos conforme as oscilações inflacionárias. Ao registrar despesas e receitas de forma detalhada, a planilha possibilita uma visão clara da situação financeira familiar, facilitando a identificação das áreas nas quais é possível economizar e otimizar recursos.



Figura 9: Aula Orçamento Doméstico e Inflação,2023

Finalizada a parte conceitual de orçamento doméstico e inflação, solicitou-se aos alunos que construíssem uma planilha orçamentária familiar a fim de possibilitar uma maior interação do aluno com seus pais e também a sua inserção nos assuntos relacionados ao orçamento doméstico.

A atividade foi iniciada em sala de aula, ocasião em que os alunos foram orientados a listar suas principais categorias de gastos em uma folha de papel (como moradia, transporte, alimentação e lazer). Em seguida, foram instruídos a criar colunas para registrar as receitas e as despesas, anotando todas as fontes de renda e cada gasto, incluindo data, categoria e valor correspondente, e calculando o saldo final mediante a subtração das despesas totais das receitas totais.

Ao final da atividade, o grupo foi instruído a aprimorar suas planilhas em casa e revisá-las a cada mês para identificar as áreas nas quais pudessem economizar ou ajustar seus gastos para alcançar metas financeiras.

Nesse ponto, foi apresentada a eles a possibilidade de realizar a atividade acima de forma virtual por meio do aplicativo *Meu Dinheiro*, ferramenta gratuita para gerenciamento financeiro pessoal que permite acompanhar despesas, criar orçamentos mensais, definir metas financeiras e gerar relatórios detalhados sobre seus gastos. O aplicativo conta com recursos como categorização automática de transações e gráficos informativos, facilitando o controle e a análise das finanças, o que foi apresentado aos alunos como uma possibilidade de gestão automatizada de suas finanças. Também foi explicado que alguns bancos dispõem de seus

próprios aplicativos de gerenciamento financeiro, como o “Minhas Finanças” do Banco do Brasil, que ajuda os clientes a gerenciarem suas finanças pessoais de forma mais eficaz, proporcionando maior controle e transparência sobre seus gastos e receitas.

Sejam manuais ou feitas por aplicativo, após sua construção, as planilhas foram comparadas com dois modelos apresentados em sala de aula: o de Eker e de Elizabeth Warren.

O modelo proposto por T. Harv Eker, autor do livro "Os Segredos da Mente Milionária", aborda meios para alcançar sucesso financeiro através do desenvolvimento de uma mentalidade adequada, o que implica na adoção de crenças e atitudes positivas em relação ao dinheiro e ao sucesso. Além disso, ele enfatiza a influência dos padrões de pensamento subconscientes nas finanças pessoais, incentivando a identificação e a modificação de crenças limitantes que possam impedir que o potencial financeiro máximo seja alcançado.

No que diz respeito à administração financeira, Eker ressalta a importância de práticas responsáveis, como a criação de um orçamento, a prática da economia e a realização de investimentos inteligentes. Ele promove uma mentalidade de abundância, encorajando o leitor de sua obra a focar nas oportunidades e na gratidão em vez de se concentrar na escassez e nas limitações.

Ademais, a ação decisiva e a persistência são aspectos-chave destacados pelo autor, segundo o qual tomar medidas concretas em direção aos objetivos financeiros e persistir apesar dos desafios são essenciais para alcançar o sucesso a longo prazo.

A criação de uma possível planilha orçamentária com base nos conhecimentos elencados por Eker seria da seguinte forma:

- ✓ Reserva de emergência (10-20%): reservar de 10% a 20% da sua renda para uma reserva de emergência. Isso servirá como um fundo para cobrir despesas inesperadas, como reparos de carro ou despesas médicas.
- ✓ Poupança e investimentos (10-20%): destinar de 10% a 20% da sua renda para poupança e investimentos. Isso pode incluir contribuições para uma conta poupança de longo prazo, investimentos em ações, fundos de investimento ou previdência privada.
- ✓ Gastos essenciais (50-60%): alocar de 50% a 60% da sua renda para gastos essenciais, como moradia, alimentação, transporte e contas de serviços públicos.
- ✓ Estilo de vida (10-20%): reservar de 10% a 20% da sua renda para despesas relacionadas ao seu estilo de vida, como entretenimento, viagens, restaurantes e compras.
- ✓ Educação e desenvolvimento pessoal (5-10%): destinar de 5% a 10% da sua renda para investir em sua educação e desenvolvimento pessoal. Isso pode incluir a compra de livros, cursos *on-line* ou participação em eventos de desenvolvimento pessoal.

É importante mencionar que os percentuais acima não são fixos, mas poderão variar dependendo do modo como a família se encontra naquele determinado período.

Já Elizabeth Warren é uma senadora americana conhecida por sua advocacia em questões financeiras e de consumo e uma de suas contribuições mais notáveis para o campo do planejamento financeiro é o método "50/30/20".

O modelo "50/30/20" é uma estratégia simples de orçamento que sugere a alocação da renda mensal em três categorias principais:

- ✓ 50% para necessidades essenciais: esta categoria inclui despesas essenciais, como moradia, alimentação, transporte e serviços públicos. Warren sugere que cerca de metade de sua renda mensal deve ser destinada a essas necessidades básicas.
- ✓ 30% para desejos e estilo de vida: esta categoria abrange despesas relacionadas a estilo de vida e preferências pessoais, como entretenimento, restaurantes, viagens e hobbies. Warren sugere que até 30% de sua renda mensal pode ser alocada para esses "desejos" não essenciais.
- ✓ 20% para poupança e pagamento de dívidas: esta categoria destina-se a poupança, investimentos e pagamento de dívidas. Warren recomenda que pelo menos 20% de sua renda mensal seja direcionada para pagar dívidas existentes e construir uma reserva financeira para emergências e objetivos futuros.

Esse modelo é uma abordagem simplificada e flexível para ajudar as pessoas a priorizar suas despesas e estabelecer metas financeiras alcançáveis, que enfatiza a importância de equilibrar as necessidades imediatas com a construção de segurança financeira a longo prazo.

Ao comparar os modelos de planejamento financeiro pessoal de T. Harv Eker e de Elizabeth Warren, é possível extrair conclusões valiosas sobre como abordar as finanças pessoais de maneira eficaz.

O modelo proposto por Elizabeth Warren, conhecido como "50/30/20", oferece uma estrutura clara e simplificada para alocar a renda mensal. Ao destinar 50% para necessidades essenciais, 30% para desejos e estilo de vida, e 20% para poupança e pagamento de dívidas, esse modelo enfatiza a importância de priorizar as despesas de acordo com sua urgência e impacto financeiro a longo prazo, fornecendo uma abordagem estruturada que facilita a tomada de decisões financeiras diárias.

Por outro lado, o modelo de T. Harv Eker se concentra em cultivar uma mentalidade de riqueza e sucesso financeiro. Ao encorajar os indivíduos a adotarem crenças e atitudes positivas em relação ao dinheiro e ao sucesso, Eker promove uma abordagem mais flexível e motivacional para o planejamento financeiro pessoal. Seu modelo não fornece uma estrutura

específica de alocação de recursos, mas sim orientações gerais para desenvolver hábitos financeiros saudáveis e alcançar a independência financeira.

A preferência do modelo a ser adotado pelo aluno para comparar sua própria planilha levou em consideração critérios individuais familiares, haja vista ser primordial que a escolha esteja em consonância com seus valores e objetivos financeiros, permitindo uma gestão eficaz e sustentável das finanças pessoais.

Ainda tratando do orçamento familiar, também se abordou a existência e os impactos da inflação na planilha financeira. Para tanto, com objetivo de enxergar em nível prático a importância do planejamento financeiro (por meio da comparação de preços entre diferentes estabelecimentos) e os impactos da inflação, a sala foi dividida em quatro grupos e entre eles foram sorteados quatro supermercados.

Os alunos escolheram, então, produtos comuns da cesta básica para analisarem e se propuseram a registrar seus preços em uma tabela, certificando-se de que o valor assinalado correspondia com exatidão às especificações escolhidas em comum acordo por todos. Após coletados e registrados, os dados foram apresentados em sala de aula e todos puderam comparar os preços dos quatro estabelecimentos visitados.

Com a tarefa se trabalhou a importância que a pesquisa de preços possui no orçamento familiar e, em seguida, passou-se a tratar da inflação, quando cada grupo foi orientado a verificar os preços dos produtos eleitos mês a mês. Assim, explicou-se que não apenas a escolha do estabelecimento como também o momento em que a compra é realizada influenciam no orçamento individual e familiar, uma vez que as variações de preço afetam diretamente o poder de compra do consumidor.

4.6 - Renda Bruta E Renda Líquida Relacionadas Ao Consumo

Ao montarem as planilhas de gastos familiares, alguns alunos se depararam com o valor que constava na carteira de trabalho de seus pais e o valor real utilizado nos planejamentos financeiros. A partir daí se passou a tratar da relação entre renda bruta e renda líquida, consumo e renda, analisando como esses elementos estão interconectados e influenciam as decisões financeiras dos indivíduos. Ao compreender esses conceitos, os alunos puderam desenvolver uma visão mais abrangente sobre sua própria situação financeira e tomar decisões mais conscientes e informadas em relação ao consumo e ao planejamento financeiro.

Acerca da diferença entre renda bruta e renda líquida, explicou-se que a primeira se refere ao valor total recebido por um indivíduo antes de qualquer dedução ou imposto, enquanto

que a segunda representa o valor real disponível após a dedução de impostos, contribuições e outras despesas obrigatórias. Logo, a renda líquida é o verdadeiro poder de compra do indivíduo, refletindo sua capacidade real de consumir.

As deduções de despesas, como impostos, contribuições previdenciárias e gastos fixos, têm um impacto significativo na renda líquida disponível para o consumo. As deduções fiscais reduzem a renda líquida disponível, afetando diretamente o poder de compra e as decisões de consumo dos indivíduos. Assim, explicou-se ser importante considerar não apenas a renda bruta (aquela que alguns alunos olharam nas carteiras de trabalhos de seus pais,) mas também as deduções de despesas ao avaliar a capacidade de consumo em seus lares.

O consumo está intrinsecamente ligado à renda, pois reflete a maneira como os indivíduos utilizam seus recursos financeiros para adquirir bens e serviços. Schiffman e Kanuk (2009) observam que as decisões de compra dos consumidores são influenciadas por uma série de fatores que podem ser agrupados em quatro grandes categorias: influências psicológicas, pessoais, sociais e culturais. Esses elementos moldam as percepções, preferências e comportamentos de compra das pessoas. Portanto, a relação entre consumo e renda é crucial para entender os padrões de consumo e as tendências econômicas de cada família.

Para que os alunos pudessem entender na prática como são feitas as deduções, foi colocado em aula um contracheque com o salário bruto e todas as deduções legais. Com o exemplo, a eles se ensinou como calcular cada dedução, como a dedução da previdência social, baseado na Lei nº 8212, de 24 de junho de 1991, e também a dedução do imposto de renda retido na fonte, baseado na Lei nº 7713 de 22 de dezembro de 1988. Além dessas deduções, também se tratou do cálculo da contribuição do empregador com o deslocamento do empregado, nos termos da Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985, segundo a qual “O empregador participará dos gastos de deslocamento do trabalhador com a ajuda de custo equivalente à parcela que exceder a 6% (seis por cento) de seu salário básico.”

Após a explicação, foi dado aos alunos um salário fictício e dito a eles que elaborassem um contracheque. Os alunos observaram a diferença salário bruto e líquido, realizaram os cálculos matemáticos e apuraram seu impacto no saldo final do salário, ganhando uma compreensão básica dos direitos trabalhistas para melhor compreender seus próprios contracheques no futuro.

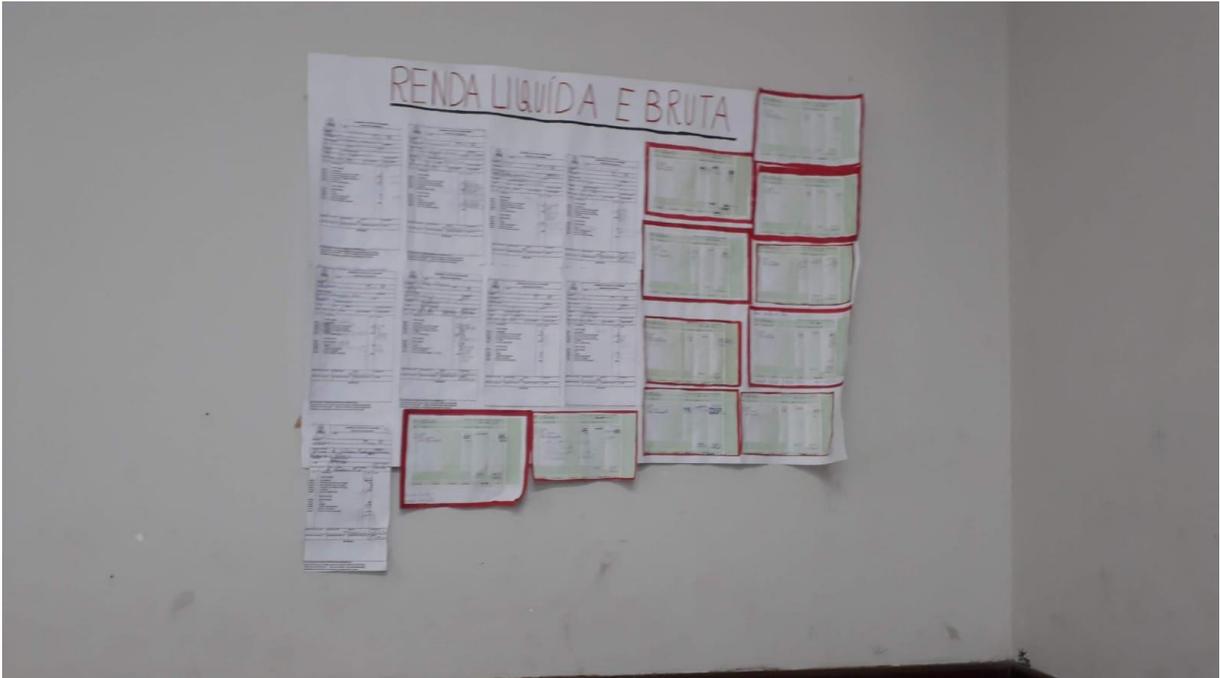


Figura 10: Elaboração de Contracheques pelos alunos da eletiva,2023

A dinâmica de exame e posterior elaboração de um contracheque a partir de um salário fictício só foi possível porque a eles foi ensinado um pouco da legislação trabalhista e onde inserir as informações pertinentes que constam em um contracheque.

4.7 - Renda Bruta e Renda Líquida: Consumo Compulsivo

No mundo contemporâneo, a gestão eficaz das finanças pessoais se tornou uma habilidade crucial para a estabilidade econômica e para o bem-estar individual. Entre os vários conceitos financeiros que moldam a vida cotidiana, a distinção entre renda bruta e renda líquida, abordada em capítulos anteriores, desempenha um papel fundamental. Essa aula buscou abordar a interseção desses conceitos com um fenômeno que afeta muitos indivíduos e famílias, o consumo compulsivo.

Para compreender completamente os aspectos do consumo compulsivo em relação à renda bruta e renda líquida foi feita uma breve revisão das aulas anteriores acerca do conceito de receita líquida, o que é fundamental para entender a verdadeira disponibilidade financeira para despesas discricionárias (gastos não essenciais, como entretenimento) e obrigatórias.

O consumo compulsivo é um padrão de comportamento caracterizado pelo desejo incontrolável e excessivo de adquirir bens ou serviços, muitas vezes resultando em gastos além das capacidades financeiras do indivíduo. O fenômeno pode assumir várias formas, desde

compras impulsivas e acumulação de dívidas até hábitos de consumo prejudiciais à saúde financeira a longo prazo.

Tratar do tema é fundamental, pois, à medida que os gastos compulsivos aumentam, a renda líquida disponível para despesas essenciais e investimentos de longo prazo diminui, o que pode levar a uma espiral de endividamento, estresse financeiro e dificuldades para atingir objetivos financeiros importantes, como aposentadoria ou compra de uma casa.

A análise da relação entre renda bruta, renda líquida e consumo compulsivo revela as complexidades inerentes à gestão financeira pessoal. A renda bruta, que é a soma total dos ganhos antes de qualquer dedução, e a renda líquida, que é o valor efetivamente disponível após impostos e outras deduções, influenciam diretamente os padrões de consumo dos indivíduos. Quando os indivíduos não têm uma compreensão clara da diferença entre sua renda bruta e líquida, costumam a superestimar seu poder de compra, o que muitas vezes os leva ao consumo compulsivo, caracterizado pela compra impulsiva e muitas vezes irracional.

Ao reconhecer essas relações e adotar medidas preventivas para promover um consumo responsável, os alunos irão fortalecer sua saúde financeira e alcançar maior estabilidade econômica a longo prazo.

Como o adolescente de hoje é o adulto do amanhã, é crucial explorar estratégias eficazes para mitigar os efeitos do consumo compulsivo e promover uma gestão financeira saudável, o que pode incluir a implementação de elaboração de planilhas orçamentária, o desenvolvimento de habilidades de autocontrole e a busca de suporte profissional, quando necessário.

Na roda da conversa, após exame do conceito de consumo compulsivo, os alunos retornaram à análise de suas despesas domésticas buscando identificar se, em seu dia-a-dia, esse comportamento poderia ser identificado e como seu planejamento financeiro e o de sua família podem ser impactados. Com isso se percebe como uma compreensão clara da diferença entre renda bruta e renda líquida pode ajudar os indivíduos a tomar decisões financeiras mais informadas e conscientes.

4.8 - Armadilhas Financeiras: Empréstimos e Investimentos

A gestão financeira eficaz é uma habilidade essencial para garantir estabilidade econômica e bem-estar pessoal, como precisamente afirmou Halfeld (2007, p. 17):

[...] não quero lhe receitar uma dieta e cortar seus maiores prazeres. A essa altura, gostaria apenas de chamar-lhe atenção para fatos que passam despercebidos em nossa rotina. Talvez a mudança de pequenos hábitos possa gerar importantes contribuições em sua poupança. Talvez tal mudança signifique uma aposentadoria alguns anos mais cedo. Pense nisso... Cada um tem um estilo de vida e deve saber escolher onde gastar seu suado dinheiro.

O pensamento acima ressalta a importância de tomar decisões financeiras informadas e estratégicas, especialmente ao lidar com áreas complexas como empréstimos e investimentos, o que poderá gerar impactos financeiros na poupança e na aposentadoria, por exemplo.

A educação financeira é o meio pelo qual o aluno será educado para que não necessite efetuar operações de créditos com instituições financeiras e para que, caso eventualmente necessite, tenha suporte para tomar a melhor decisão, pois possui prévio e solidificado conhecimento sobre operações de crédito, empréstimos, taxas, orçamento, etc.

Os empréstimos são uma ferramenta financeira comum usada por indivíduos e empresas para financiar uma variedade de necessidades, desde a compra de um aparelho celular até a aquisição de uma casa ou a expansão de um negócio. Como observado por Robert Kiyosaki (2001), autor de "Independência Financeira", o aprender sobre assuntos financeiros é crucial e pode ser o divisor de águas entre uma vida marcada por dificuldades econômicas ou por prosperidades e autonomias. Ter uma compreensão aprofundada dos termos e condições dos empréstimos antes de se comprometer financeiramente é essencial para evitar uma vida de batalha devido a dívidas excessivas e, em vez disso, possibilitar uma vida de abundância e liberdade financeira.

É essencial que os alunos da eletiva compreendam com clareza os aspectos financeiros envolvidos ao considerar contrair uma dívida, incluindo a totalidade dos pagamentos, tempo, taxas de juros aplicáveis e quaisquer encargos financeiros adicionais. A ausência do conhecimento adequado pode resultar em situações de endividamento, seja seu ou de seus familiares, e esse é um grande desafio enfrentado pela população em geral.

Já os investimentos oferecem oportunidades de crescimento financeiro, permitindo que os indivíduos aumentem seu patrimônio ao longo do tempo. Hagstrom (2017), na sua obra "O Jeito de Warren Buffett de Investir", afirma que há duas regras para investir, de acordo com Graham. A primeira regra é: não perca. A segunda regra é: nunca se esqueça da regra número um. Já Luiz Barsi, numa entrevista feita 2021 ao E-Investidor, diz que "temos dois tipos de aplicadores: aqueles que adoram o dinheiro e os que odeiam o dinheiro. Eu digo: nunca odeie o dinheiro". Essas afirmações enfatizam a importância da avaliação cuidadosa do risco ao considerar opções de investimento e a necessidade de diversificação para mitigar possíveis perdas.

Após a parte conceitual, os alunos foram questionados se "é possível efetuar operação de empréstimo visando o investimento?" E a resposta foi "Sim". Esse tipo de empréstimo é conhecido como "empréstimo para investimento" ou "empréstimo para fins de investimento". Nesse caso, a pessoa ou empresa obtém um empréstimo com a intenção de utilizar os fundos

para realizar um investimento que se espera gerar retornos financeiros superiores ao custo do empréstimo. Como exemplo, podem ser citados os investimentos na compra da casa própria, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), os investimentos em ações, dentre outros.

Um exemplo utilizado em sala de aula foi o investimento no tesouro direto. O Tesouro Direto é um programa do governo brasileiro que permite a compra e venda de títulos públicos pela internet, oferecendo uma forma acessível e segura para que pessoas físicas invistam em dívida pública federal. Esses títulos são emitidos pelo Tesouro Nacional como uma forma de captação de recursos para financiar as atividades do governo.

Pensando na aposentadoria em 2045, foi feita a seguinte simulação:

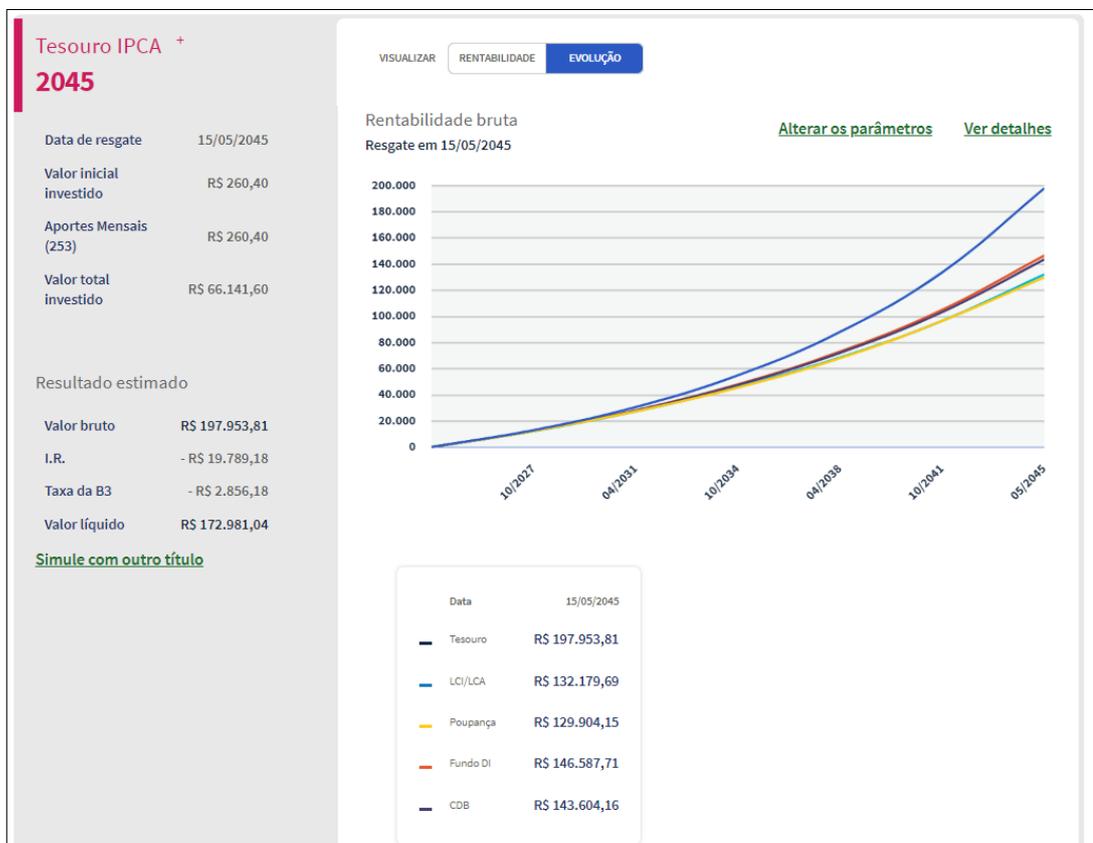


Figura 11: Simulação de Investimento no Tesouro Direto feita no seu site,2023

Utilizando o modelo de Elizabeth Warren (20% da renda destinada a investimento) e levando em conta o salário mínimo vigente em 2023 (R\$ 1.302,00), obtém-se o valor de R\$ 260,40 para ser investido. Conforme quadro acima, percebe-se que o tesouro direto se mostrou mais vantajoso.

4.9 - Consumo Responsável, Consumo Inteligente e Consciente

O consumo desempenha um papel central na sociedade contemporânea, influenciando não apenas as economias globais, mas também os impactos sociais e ambientais. Diante dos desafios enfrentados, surge a necessidade urgente de promover práticas de consumo responsável, inteligente e consciente. A aula em questão explorou os conceitos de consumo responsável, inteligente e consciente e seu papel na construção de um futuro próspero.

O consumo responsável está atrelado à adoção de práticas éticas e sustentáveis no processo de consumo. O consumidor deverá levar em conta o impacto social e ambiental de suas escolhas de consumo e buscar alternativas que minimizem os efeitos negativos. Ao promover o consumo responsável, todos podem contribuir para a redução do desperdício, a preservação dos recursos naturais e o apoio a práticas de produção éticas. Como exemplo, foi apontada a importância da reciclagem para um futuro melhor.

O consumo inteligente implica tomar decisões informadas e bem pensadas ao fazer compras: se for preciso efetuar um empréstimo (por exemplo), implica em saber identificar qual o mais vantajoso. Além de pesquisar produtos, comparar preços, avaliar a qualidade e considerar o valor a longo prazo, ao praticar o consumo inteligente, os consumidores podem evitar o consumismo excessivo, investir em produtos duráveis e de alta qualidade e maximizar o valor de suas compras, lembrando da velha expressão “o barato que sai caro”.

O consumo consciente vai além das transações comerciais e envolve uma profunda reflexão sobre os hábitos de consumo e seus impactos mais amplos. Requer uma consciência sobre os padrões de consumo, a origem dos produtos e o bem-estar das comunidades e do meio ambiente. Ao desenvolver o consumo consciente, os alunos poderão cultivar uma relação mais significativa com os bens materiais e promover mudanças positivas em seus lares.

Portanto, promover o consumo responsável, inteligente e consciente é essencial para enfrentar os desafios socioambientais e econômicos enfrentados pela sociedade contemporânea. Ao adotar esses princípios na vida cotidiana, individualmente se consegue contribuir para a construção de um mundo mais sustentável, igualitário e resiliente.

Não apenas o alunato, mas professores, profissionais de todas as áreas, empresas e governo devem ser estimulados a promover uma cultura de consumo que priorize a ética, a transparência e a preocupação com as gerações atuais e futuras.

4.10 - Riqueza X Poupança

A aula foi iniciada com a seguinte pergunta: “Todo mundo que é rico fez, ou não, poupança?” A indagação desafia concepções comuns sobre a riqueza e convida ao exame dos pilares da gestão financeira (conforme cita Gustavo Cerbasi em seu livro “Investimentos Inteligentes”, são eles: Orçamento e Planejamento Financeiro; Controle de Gastos e Disciplina Financeira; Gestão da Dívida; Investimento e Crescimento do Patrimônio; Reserva de Emergência e Educação Financeira) e acumulação de patrimônio.

Muitos caminhos podem levar a uma riqueza financeira, além do ato de poupar dinheiro. A prosperidade pode ser alcançada por meio de investimentos, herança, empreendedorismo, oportunidades únicas e até mesmo sorte (como descontração, foi dito a mega sena da virada). No tocante a loteria e *reality show*, os alunos deram alguns exemplos de ganhadores que ficaram muitos ricos, porém, como não tiveram uma educação financeira da riqueza adquirida de forma repentina, acabaram por perder seus recursos financeiros muito rápidos.

Embora diferentes caminhos possam levar à riqueza, a poupança continua a desempenhar um papel crucial na gestão financeira e na acumulação de patrimônio. A prática da poupança proporciona uma base de segurança financeira, preparando os alunos para enfrentar adversidades e aproveitar oportunidades futuras. Além disso, a poupança disciplinada pode servir como um trampolim para investimentos mais significativos, permitindo o crescimento sustentável da riqueza ao longo do tempo.

Oportunizou-se aos alunos livre espaço para que pudessem apontar meios que, segundo sua opinião, proporcionariam a formação de patrimônio e a busca por riqueza, ao que citaram ações, títulos, imóveis, empreendimentos e a própria educação financeira.

Após toda roda de conversa e esclarecimentos, retornou-se à pergunta com a qual se iniciou a aula e a resposta dada foi “Sim”, a poupança pode ser uma ferramenta valiosa na jornada para alcançar a riqueza financeira. Contudo, mais importante do que simplesmente fazer poupança é adotar práticas financeiras sólidas, como controle de gastos, investimentos estratégicos, planejamento financeiro e disciplina financeira, independentemente da fonte de renda ou do patrimônio acumulado.

4.11 - Crédito: Tipos de Crédito e Juros

O crédito é o meio financeiro primordial para a economia, seja ela brasileira ou mundial. É através dele que pessoas e entidades obtêm recursos financeiros necessários para atender as suas necessidades e metas.

O foco da eletiva de base é a educação financeira do aluno e sua família, razão pela qual foram abordados os créditos voltados à pessoa física. Para Coelho (2002, p. 21), “o homem é motivado a consumir por fatores internos e externos: interno, influenciado por sua vontade pessoal; externo, influenciado pelo meio social”. No contexto sociocultural atual, no qual o consumismo é alto, influenciado por fatores internos e externos, o autor propõe que o profissional do marketing leve em consideração essas circunstâncias para entender sobre a motivação e o comportamento do seu consumidor, gerando com isso estratégias mais eficientes.

Há diferentes tipos de créditos no mercado, e foi trabalhado com os alunos os créditos pessoal, rotativo e consignado.

Crédito pessoal e empréstimo pessoal são essencialmente sinônimos, representando a concessão de dinheiro a um cliente por uma instituição financeira, como bancos e cooperativas de crédito, sujeito a uma análise de risco de crédito e à aplicação de juros que variam de acordo com a política de cada instituição. A variação nas taxas de juros ocorre devido à avaliação do risco de inadimplência feita pelas instituições ao conceder o crédito, uma vez que o crédito pessoal não possui garantias de pagamento. Em linhas gerais, quanto maior o risco percebido de não pagamento, mais elevadas tendem a ser as taxas de juros cobradas.

Já o crédito rotativo é quando o cliente não consegue pagar o total da fatura do cartão no dia do vencimento. A melhor explicação é quando o cliente paga somente o mínimo do cartão de crédito, em outras palavras, crédito rotativo é quando a pessoa não consegue pagar a totalidade da dívida. A diferença do total e o que foi realmente pago se denomina crédito rotativo. Como as taxas de cartão de crédito estão dentre as mais altas do país, o empréstimo rotativo acaba por ser um dos maiores em taxas de juros.

Um dos empréstimos mais conhecidos e utilizado, o crédito consignado é um empréstimo descontado em folha de pagamento. Como nessa operação o desconto no contracheque, o dinheiro que irá cair na conta do trabalhador já ficará comprometido. Por impactar diretamente no salário do trabalhador, esse tipo de crédito requer um bom planejamento financeiro e acaba sendo o mais utilizado por ter as menores taxas de juros, já que os bancos acabam por ter uma segurança maior em relação a adimplência.

Um fator muito importante nas concessões de crédito são os juros, pois são eles que ditam o valor do custo total do empréstimo. Os fatores que influenciam no valor da taxa de juros são vários, mas é possível elencar o risco de crédito, inflação e o mercado financeiro.

Foi feito um comparativo com os alunos analisando uma compra de um carro e imóvel e alterando somente as taxas de juros. O exemplo serviu para dar a eles a noção que escolhas sem educação financeira impactam significativamente no orçamento familiar, uma vez que a compra desses bens geralmente ocorre são a longo prazo.

O intuito de mostrar aos alunos alguns dos tipos de créditos existentes é de justamente os ensinar para o caso eventual de precisarem utilizar algum deles, para que façam um bom planejamento de modo a observar qual irá onerar menos o seu orçamento. A conclusão obtida foi que as ofertas de crédito sempre deverão ser comparadas, assim como ler atentamente as cláusulas do contrato e buscar evitar endividamento em excesso.

4.12 - Relação Entre Crédito e Consumo Consciente

Na sociedade atual, o crédito tem um papel importante na vida financeira das famílias, dando acesso a bens e serviços que de outra forma seriam impossíveis de serem alcançados. Seu mau uso, porém, pode acarretar estragos financeiros, resultando em dívidas grandes e estresses sem fim.

Partindo do pensamento de Barbosa (2006, p. 7), “É possível viver sem produzir, mas é impossível viver sem consumir, uma vez que a sobrevivência humana depende disso”, durante a aula, explicou-se aos alunos que o intuito da educação financeira não é fazer o consumidor deixar de consumir os bens e serviços, mas sim de os educar para que possam consumi-los de forma consciente.

Consumir diferente, de forma sustentável ou consciente significa consumir pensando no impacto que o ato gerará para si e para gerações futuras. Vai além de fazer escolhas de compras, consiste em pensar no impacto que suas decisões irão causar, levando em consideração a ética no processo de produção e execução de bens, produtos e serviços, ponderando sobre a existência de desperdício, priorizando as necessidades (e não os desejos), realizando pesquisa de campo para além de somente consultar o preço. O consumidor consciente tem, portanto, um estilo de vida mais sustentável e ético.

Após a parte conceitual, foi aberto para turma refletir e dialogar como está o uso do crédito em seus lares, se eles podem ser considerados consumidores conscientes e, se não, o que poderiam fazer para mudar tal cenário.

A mistura de aula teórica com a vivência nos lares é primordial para que o aluno possa ser encorajado a tomar decisões financeiras mais conscientes no futuro por se sentir (e efetivamente estar) mais capacitado.

No cenário do Novo Ensino Médio, o aluno é tido como protagonista. Criado para estimular a necessidade de se ter consciência ao consumir, o Instituto Ataku possui por missão “Educar e comunicar em escala, atuando como ativista de um novo modelo mental e de comportamento que leve as pessoas a adotarem estilos sustentáveis de vida refletidos na prática do consumo consciente e da produção responsável.” (Instituto Akatu, 2024). Logo o Akatu reconhece o papel que o aluno hoje é fundamental na construção de um futuro mais sustentável e equilibrado para o planeta.

4.13 - Planejamento Financeiro

Ao longo da eletiva se pôde observar que lidar com o dinheiro não é uma tarefa fácil, tanto que há grande número de famílias com orçamentos restritos e enxutos. O consumo com foco em gastos não essenciais acaba por comprometer a renda familiar.

Nesse momento, os alunos já observaram o quanto é crucial elaborar uma planilha orçamentária, tarefa essa feita em aula anterior e já compreenderam a importância do consumo consciente, entendendo que, ao adotar essa prática, obterão benefícios tanto para si próprios hoje quanto para a família que irão construir amanhã.

O foco, então, passou a ser a conscientização do aluno acerca do planejamento financeiro, que consiste em definir objetivos a serem alcançados a curto, médio e longo prazo. Ao compreender a importância de uma vida financeira organizada, o aluno entenderá também que o crescimento de sua riqueza virá como consequência, o que o estimulará mais ainda a abandonar o desperdício de recursos escassos e a se tornar um consumidor consciente.

Silveira (2014) afirma que o planejamento financeiro implica em organizar cuidadosamente nossas finanças para garantir que tenhamos sempre recursos disponíveis para lidar com surpresas inesperadas da vida e, ao longo do tempo, construir um conjunto de ativos financeiros e imóveis. Esses ativos servirão como uma fonte de renda estável durante a aposentadoria, proporcionando uma vida confortável e tranquila.

Já Cerbasi (2016) diz que:

[...] formar a consciência de que para conseguir a riqueza é preciso seguir um caminho planejado, talvez passar por algum sacrifício, e fazer isso conscientemente. É como fazer regime: você está fora de forma porque tem maus hábitos, que precisam ser mudados para obter resultado. E a maior dificuldade da mudança estará no começo, como acontece em um regime. (Cerbasi, 2016, p. 27)

[...] planejamento financeiro não é o mesmo que cortar gastos e fazer poupança. O bom planejamento significa gastar bem e com qualidade o que ganhamos, poupando com disciplina o mínimo necessário para que nosso bom padrão de vida se sustente no futuro. Estamos tratando aqui de equilíbrio e sustentabilidade, não de obsessão pela poupança. (Cerbasi, 2016, p. 92)

Tanto Silveira quanto Cerbasi compartilham o mesmo pensamento acerca da importância do planejamento financeiro, da construção do seu patrimônio e de fazer escolhas financeiras conscientes com vista a uma vida financeira segura.

O intuito de toda essa eletiva de base é justamente fazer com que o aluno, através dos conhecimentos adquiridos e nos relatos debatidos em sala de aula, seja capaz de fazer com que sobre dinheiro no seu orçamento e de sua família para que inicie o investimento e maximize o crescimento do patrimônio.

Ao fim da aula, utilizou-se uma alegoria para comparar a vida financeira a uma viagem a um lugar desconhecido, onde se poderia ir com auxílio de um GPS (ou mapa físico) ou sem instrução alguma. Na primeira opção, é certeza que se chegará ao lugar conforme se planejou; já na segunda, pode-se errar o caminho, não chegar a lugar algum e ficar sem combustível. Finalizou-se com a reflexão: “querem fazer a viagem como?”

4.14 - Perfil do Consumidor

É bastante diversificado o grupo dos alunos que cursaram a eletiva de base. Uns desejavam prestar vestibular, outros almejavam um cargo público com exigência de escolaridade ensino médio, já outros possuíam o desejo de empreender em seus próprios negócios. Voltada em especial para o último grupo, a última aula (antes da culminância) se destinou a tratar do perfil do consumidor para que o empreendedor possa atrair seu público-alvo e aumentar sua carteira de clientes.

O pesquisador e autor Tapscott (2010) afirma que, hoje, há cinco gerações coexistindo: os *baby boomers* (composta por aqueles nascidos entre 1940 a 1960); a geração X (nascidos entre 1960 a 1980); a geração Y ou *millennials* (nascidos entre 1980 a 1990); a geração Z (nascidos entre 1990 a 2000) e a geração *alpha* (ainda sob estudos).

A classificação das faixas etárias se revela importante para o futuro empresário saber como fazer o *marketing* do produto que irá produzir ou do serviço que irá executar para atender a demanda específica de seu nicho. Conhecer as diferentes características e necessidades do grupo para o qual seu produto ou serviço se destina é fundamental em termos estratégicos, uma

vez que as diferentes idades revelam a predisposição a certos modelos mentais (percepções e opiniões similares) frutos de experiências em certa medida semelhantes.

Segundo Churchill e Peter (2005), o processo de compra é influenciado por fatores situacionais, sociais e de *marketing*. Para ele, deve-se entender intrinsecamente a necessidade específica de cada consumidor e supri-la. A visão do autor foi repassada aos alunos no sentido que o empresário deve entender o que motiva seu cliente a tomar a decisão de efetuar aquela determinada compra e, assim, atender às demandas específicas de seus clientes, fazendo que seu consumidor se torne único e especial em sua empresa.

Entender o consumidor é crucial para definir o *marketing* que será utilizado para atrair a atenção do futuro cliente, razão pela qual as empresas se valem de técnicas para identificar e atender a necessidades específicas do nicho a que seus produtos/serviços se destinam, adaptando sua estratégia de *marketing* para cada segmento de negócio.

O uso da tecnologia é, hoje, indissociável da própria vivência em sociedade. Logo, esclareceu-se aos alunos a importância da qualificação profissional e da constante atualização para que se possa acompanhar as transformações experimentadas pelo mercado. Apresentou-se o curso de Administração como opção que tanto alia a formação acadêmica em nível superior quanto possibilita o desenvolvimento e o amadurecimento do espírito empreendedor que eventualmente o jovem possua.

[...] O desenvolvimento resulta de processo de mudança estrutural, por definição, desequilibrado, cheio de tensões. Os economistas de filiação schumpeteriana têm uma expressão muito pertinente: durante períodos de intensa mudança, ocorrem desencontros entre “velhos” e “novos” ativos e competências. Há hiatos que não se encaixam, e o mais relevante: num momento de incertezas, terão vantagens aqueles que tiverem a atitude de experimentar o novo. Alguns falharão, outros vencerão, mas o que importa é menos a certeza de acertar ou errar e muito mais a experiência de fazer algo diferente (Ferraz et al., 2012, p. 19).

A citação acima descreve bem a atividade do empreendedor quanto à necessária habilidade de adaptação frente aos vieses que encontrará pelo caminho. Empreender significa correr riscos, aceitar que algumas tentativas de inovação podem falhar, e, ainda assim, ter resiliência e não focar exclusivamente nos erros ou acertos, mas na experiência e no aprendizado obtido para que possa obter a ascensão de sua empresa.

A aula ministrada se tornou, pois, importante para que o futuro empreendedor possa identificar as oportunidades que o mercado tem a oferecer, como desenvolver produtos ou executar serviços com foco em proporcionar experiências únicas a seus clientes, além de estar atento e preparado para eventuais mudanças que o mercado pode experimentar.

4.15 – Culminância

O término da eletiva de base “Não deixe seu dinheiro descer pelo ralo” se deu após quatorze aulas, sendo a última delas a culminância, na qual os alunos puderam apresentar os trabalhos por eles desenvolvidos e disseminar o conhecimento aprendido ao longo da disciplina.

A proposta para culminância sobre a educação financeira, voltada para os estudantes e sua família, foi de produção de um vídeo e confecção de cartazes que contivessem um resumo do que foi absorvido acerca do assunto. Houve alguns contratempos na confecção do material, mas todos foram superados e os alunos do 1º ano do ensino médio puderam apresentar os trabalhos produzidos a toda a escola.

O vídeo foi exibido no pátio da escola por um dos alunos e os cartazes mostrados a título de breve introdução antes do vídeo, ficando expostos em sala de aula reservada após a apresentação para que todos pudessem olhá-los com mais calma.

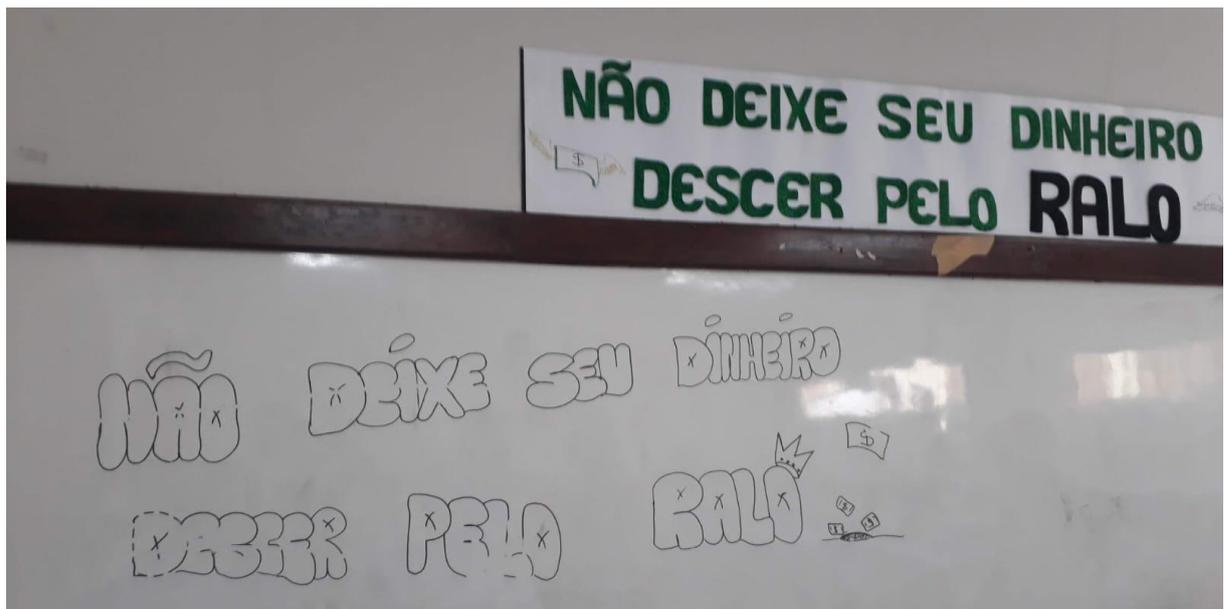


Figura 12: A imagem representa a organização da sala para o recebimento dos alunos após a apresentação no pátio, 2023.

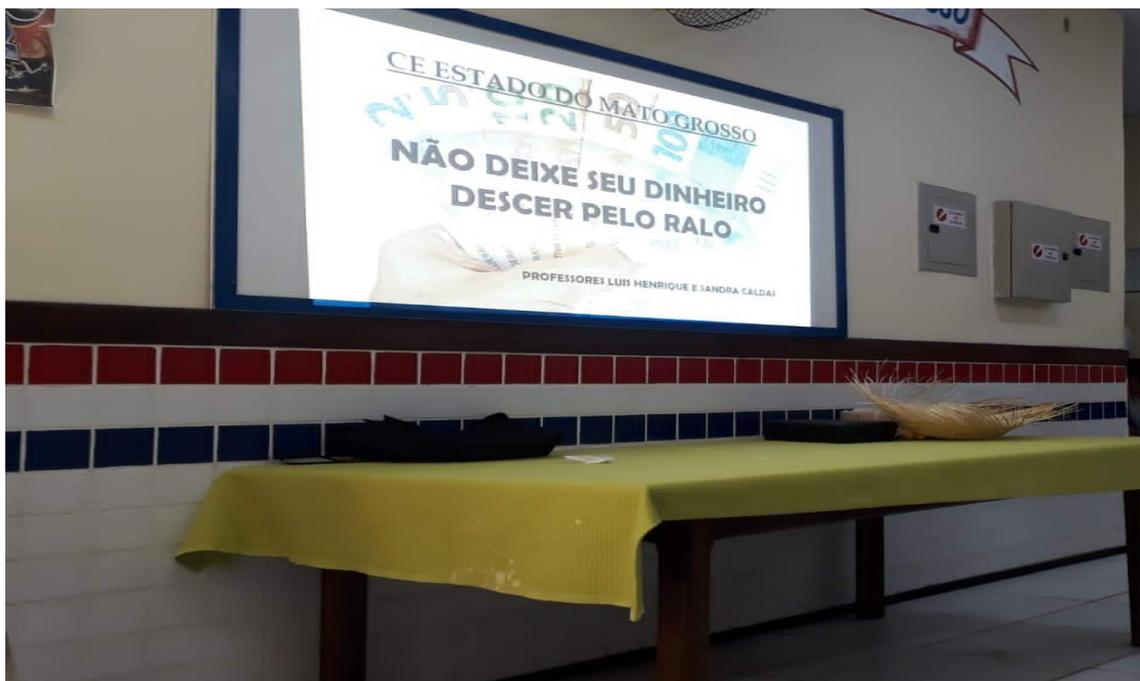


Figura 13 A imagem mostra o início da apresentação da eletiva de base para o restante da escola, 2023.



Figura 14: Trabalhos feitos pelos alunos na eletiva, 2023.

As figuras acima foram cortadas para preservar a imagem dos alunos, mas nelas se podem ver parte do conteúdo apresentado e dos cartazes por eles confeccionados, os quais foram expostos em paredes na sala de aula após a apresentação do trabalho no pátio.

Por fim, destaca-se que o conhecimento transmitido pelos alunos ao restante da escola no momento da culminância foi recebido de forma positiva por todos e despertou em vários deles o desejo de apreender ainda mais sobre a educação financeira. Foi extremamente gratificante para este autor poder ver os estudantes alcançando os objetivos pretendidos pela eletiva, tendo se transformado em pessoas capacitadas para não só gerenciamento eficiente de recursos financeiros como também para a disseminação da consciência do consumo consciente e do planejamento financeiro como meio de atingir metas e realizar sonhos.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como profissional da contabilidade, este autor se deparou com algumas situações de funcionários e também de empresários com dificuldades financeiras que, em muitos casos, era ocasionada somente pela falta do planejamento. Todos eram uníssomos em afirmar que, em sua vida escolar, não tiveram aulas que buscassem o ensino da educação financeira.

O presente trabalho acadêmico nasceu, portanto, com a proposta de conscientizar jovens estudantes sobre o tema e de fornecer a eles conhecimento básico de educação financeira de modo a capacitá-los para tomar decisões financeiras responsáveis e sustentáveis ao longo de sua vida adulta.

A proposta só foi possível de ser concretizada em decorrência da instituição do Novo Ensino Médio, que permitiu a introdução da disciplina.

Na conjuntura atual da educação brasileira, é comum encontrar alunos desmotivados e desinteressados por não conseguirem alinhar conhecimentos adquiridos na sala de aula e aplicar no seu cotidiano. Com o auxílio do método implementado nas aulas – a roda de conversa para os alunos relatarem como o assunto finanças era abordado nos cotidianos de seus lares –, as relações teoria e prática ganharam notoriedade e, conseqüentemente, a aula se aproximou das vivências particulares dos alunos.”

No campo da docência, ainda há a carência de capacitação e qualificação de profissionais para trabalhar a temática em sala de aula com os alunos. Os próprios livros didáticos tradicionais não possuem capítulo específico sobre o assunto, mas o cenário aos poucos está mudando e tem-se observado bons trabalhos na eletiva de base que foram desenvolvidos com alunos no ensino médio.

O intuito de trabalhar a educação financeira com os alunos não foi apenas de gerir suas finanças de forma qualitativa, mas sim de os tornar consumidores conscientes, investidores prudentes e pessoas responsáveis na sociedade. Tudo isso para que o aluno assuma o controle da sua vida financeira desde cedo e, assim, ter um futuro prospero.

Durante a execução da eletiva, houve alguns imprevistos no tocante a recursos materiais e financeiros, porém foram facilmente contornados pela direção e pelo corpo docente, pois ambos estavam empenhados no andamento das aulas, que se revelaram uma espécie de mini curso de educação financeira.

Alguns pontos na execução são merecedores de atenção.

A atividade na qual os alunos foram a supermercados com uma lista de produtos pré-definida para pesquisar seu valor foi especialmente marcante para este autor, enquanto

professor e pesquisador, e também para os próprios alunos. Quando os dados colhidos foram compartilhados em sala de aula, foi possível observar uma diferença significativa nos preços dos supermercados pesquisados. Válido que se destaque que os alunos participantes da presente pesquisa são oriundos de família de baixa renda, para as quais uma diferença de R\$ 100,00 na cesta básica representa uma diferença significativa no fim do mês. Logo, ao observarem a diferença dos preços, os alunos foram instigados acerca da importância da pesquisa de preço, concluindo que perguntar o preço antes de comprar não é motivo de vergonha.

Outro ponto que merece destaque foi a confecção dos contracheques pelo alunato. Nesse dia, eles entenderam seus direitos trabalhistas e, a partir daí, tiveram conhecimento necessário para saber qual será sua renda líquida quando tiverem empregados. A atividade se revelou importante para que o aluno execute um planejamento financeiro eficaz, o que acaba afetando diretamente a qualidade de vida e a estabilidade econômica sua e de sua família, uma vez que o conhecimento vai se multiplicando.

Em última análise, no dia da culminância foi testemunhado por todos a transformação no falar e nas atitudes dos alunos, que passaram de simples espectadores do sistema financeiros a agentes ativos empoderados da sua vida econômica. Observou-se que a meta proposta foi alcançada, sendo plantadas sementes na sociedade para que seja mais justa, próspera e consciente.

Ademais, o encerramento do ciclo foi de gratidão e otimismo por olhar no horizonte e enxergar que cada mente enriquecida com os conhecimentos da educação financeira será um farol a iluminar um futuro de possibilidades e realizações.

Diante dos resultados obtidos, finaliza-se sugerindo a implementação e expansão de iniciativas como a eletiva "Não Deixe Seu Dinheiro Descer Pelo Ralo" sejam incentivadas e priorizadas nos sistemas educacionais brasileiros, sejam da rede pública ou da rede privada de ensino.

À medida que se avança na compreensão da importância da educação financeira na educação básica, surge a necessidade de explorar ainda mais áreas específicas dentro desse campo em evolução. Uma área promissora que merece atenção futura é o ensino de investimentos, que pode capacitar os alunos desde cedo a entender e participar ativamente do mundo financeiro.

Enquanto se explora esse território, um exemplo intrigante é o ensino das criptomoedas, como as *bitcoins*, que representam uma forma única de investimento e têm o potencial de revolucionar a economia global, uma vez que a tendência atual é a utilização cada vez mais larga do dinheiro virtual em substituição à moeda em papel.

Portanto, almeja-se que o passo dado na eletiva não seja um ponto final, mas sim o início de uma proposta de ensino voltada para a vida prática dos alunos. O tema é amplo e pode ser explorado de diversas formas. Após a implementação do ensino da educação financeira, podem ser desenvolvidos trabalhos com uma investigação mais aprofundada sobre como incorporar o ensino de investimentos, incluindo criptomoedas, no currículo da educação básica, preparando, assim, as gerações futuras para enfrentar os desafios financeiros do século XXI.

REFERENCIAS

African Development Bank (AFDB). **Educação financeira: chave do sucesso para os jovens empresários africanos.** Disponível em: <https://www.afdb.org/pt/noticias-e-eventos/educacao-financieira-chave-do-sucesso-para-os-jovens-empresarios-africanos-62249>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP). **Lei criada na ALESP que prevê aulas de finanças e empreendedorismo na rede estadual é sancionada, 2023.** Disponível em: [https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=459588#:~:text=Ningu%C3%A9m%20Se%20Cala,Lei%20criada%20na%20Alesp%20que%20prev%C3%AA%20aulas%20de%20finan%C3%A7as,na%20rede%20estadual%20%C3%A9%20sancionada&text=O%20Projeto%20de%20Lei%2020231,quarta%20feira%20\(13\)](https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=459588#:~:text=Ningu%C3%A9m%20Se%20Cala,Lei%20criada%20na%20Alesp%20que%20prev%C3%AA%20aulas%20de%20finan%C3%A7as,na%20rede%20estadual%20%C3%A9%20sancionada&text=O%20Projeto%20de%20Lei%2020231,quarta%20feira%20(13)). Acessado em 12 de janeiro de 2024.

ANNUNCIATO, Pedro. **BNCC inclui Educação financeira em Matemática.** Revista Nova Escola. Disponível em: <https://nova-escola-producao.s3.amazonaws.com/CRx3XdYA6Qpcv4BQypPVWQKYcM4HXYqhMwaAdNhQ5wJbqNwXUcMU4uK2tm9y/bncc-inclui-educacao-financieira-em-matematica.pdf>. Acessado em 15 abr. 2024.

BADER, M.; SAVÓIA, J. R. F. **Logística da distribuição bancária: tendências, oportunidades e fatores para inclusão financeira.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 53, n. 2, mar./abr. 2013. DOI: 10.1590/S0034-75902013000200008.

BADER, Marcos; SAVÓIA, José Roberto Ferreira. **Inclusão financeira: como a tecnologia e a modernização das transações bancárias impulsionam a economia e transformam a relação do mundo com o dinheiro.** São Paulo: Saint Paul. 2013.

Banco Central do Brasil (BCB). **Educação financeira.** Disponível em: https://www.bcb.gov.br/content/cidadaniafinanceira/documentos_cidadania/serie_cidadania/serie_cidadania_financeira_7_Global_Findex.pdf. Acesso em: 04 abr. 2024.

Banco Central do Brasil (BCB). **O Plano de Educação Financeira - PEF.** Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/pre/pef/port/pefpublicoexterno.asp?frame=1>. Acesso em: 09 abr. 2024.

BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. **O Estudo do Consumo nas Ciências Sociais Contemporâneas.** IN: BARBOSA, L.; CAMPBELL, C. (org). Cultura, Consumo e Identidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Banco Bilbao Vizcaya Argentaria (BBVA). **Por que a China obtém a melhor nota em educação financeira?** Disponível em: <https://www.bbva.com/es/sostenibilidad/china-saca-mejor-nota-educacion-financiera/>. Acesso em: 08 abr. 2024.

BERNHEIM, D. GARRETT, D. M. **The effects of financial education in the workplace: evidence from a survey of households.** Journal of Public Economics, v. 87, p. 1487-1519, 2003.

BRASIL. Decreto nº 10.393, de 9 de junho de 2020. **Institui a nova Estratégia Nacional de Educação Financeira - ENEF e o Fórum Brasileiro de Educação Financeira - FBEF**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 9 jun. 2020; 199º da Independência e 132º da República.

BRUNA, Maria Helena Varella. **Comportamentos Compulsivos | Entrevista**. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/entrevistas-2/comportamentos-compulsivos-entrevista/>. Acesso em: 14 fev. 2023.

Câmara dos Deputados. **PL 3145/2020 Inteiro teor**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2254589&fichaAmigavel=nao#:~:text=PL%203145%2F2020%20Inteiro%20teor,Projeto%20de%20Lei&text=Altera%20a%20Lei%20n%C2%B0,transversais%20obrigat%C3%B3rios%20da%20educa%C3%A7%C3%A3o%20b%C3%A1sica>. Acesso em: 13 abr. 2024.

CAMPOS, Celso; TEIXEIRA, James; COUTINHO, Cileda. **Reflexões Sobre a Educação Financeira e suas Interfaces com a Educação Matemática e a Educação Crítica**. Educação Matemática Pesquisa, São Paulo, v. 17, n. 3, p. 556-557, mai. 2015.

CERBASI, Gustavo. **Dinheiro - os segredos de quem tem: como conquistar e manter sua independência financeira**. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.

CERBASI, Gustavo. **Investimentos inteligentes**. Thomas Nelson Brasil, 2008.

CHAVES JUNIOR, Antonio Everton. **Educação financeira é a ferramenta para combater o endividamento**. Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo - CNC | 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/educacao-financeira-e-a-ferramenta-para-combater-o-endividamento-escreve-antonio-everton/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

CHIAVANETO, Idalberto. **Introdução à Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

CHURCHILL, Gilbert A.; PETER, J. Paul. **Marketing: Criando Valor para os Clientes**. 2 ed. São Paulo: Saraiva 2005.

CLASON, George S. **O homem mais rico da Babilônia**. 18 ed. Rio de Janeiro, RJ. Ediouro, 2005.

COELHO, Maria de Lourdes. **Consumo e espaços pedagógicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL). **Geração Z: Gestão Das Finanças Pessoais**. Disponível em: <https://cndl.org.br/politicaspUBLICAS/47-dos-jovens-da-geracao-z-nao-realizam-o-controle-das-financas-aponta-pesquisa-cndl-spc-brasil/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC). Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC) - Agosto de 2023. **Endividamento Tem Segunda Queda, mas Inadimplência Avança**. Disponível em: <https://pesquisascnc.com.br/>. Acesso em: 03 de março de 2024.

CRESWELL, JW; CRESWELL, JD **Projeto de Pesquisa: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e de Métodos Mistos**. 4ª edição. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 2017.

D'AQUINO, Cássia de. **Educação financeira. Como educar seus filhos**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

DE OLIVEIRA FRAGOSO, Tiago. **Modernidade líquida e liberdade consumidora: o pensamento crítico de Zygmunt Bauman**. *Perspectivas Sociais*, n. 1, 2011.

EID JUNIOR, William e GARCIA, Fábio Gallo. **Como fazer o orçamento familiar**. São Paulo: Publifolha, 2001.

EKER, T. Haver. **Os segredos de uma mente milionária**, tradução Pedro Jorgensen Junior, Rio de Janeiro-RJ: Editora Sextante, 2006.

EXAME. **Até que o dinheiro os separe**. Disponível em: <https://exame.com/carreira/ate-que-o-dinheiro-os-separe/>. Acesso em: 25 de março de 2024.

EXAME. **Turma da Mônica lança série de gibis sobre educação financeira**. Exame. Disponível em: <https://exame.com/invest/minhas-financas/turma-da-monica-lanca-serie-de-gibis-sobre-educacao-financiera/>. Acesso em: 12 abr. 2024.

Federação Brasileira de Bancos (FEBRABAN). **Plataforma Meu Bolso em Dia Febraban levará educação financeira a endividados do Programa Desenrola**. Disponível em: <https://portal.febraban.org.br/noticia/4005/pt-br>. Acesso em: 09 abr. 2024.

Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Maranhão (FECOMÉRCIO-MA). **Pesquisa aponta que 74,4% das famílias ludovicenses estão endividadas**. Disponível em: <https://fecomercio-ma.com.br/2024/05/22/pesquisa-aponta-que-744-das-familias-ludovicenses-estao-endividadas/>. Acesso em: 22 maio 2024.

FERRAZ, João Carlos; MARQUES, Felipe Silveira; ARAÚJO, Érika Amorim. **Inovar para sustentar o desenvolvimento: desafio para o Brasil**. In: SANTOS, Carlos Alberto (coord.). *Pequenos negócios: desafios e perspectivas: inovação*. Vol. 3. Brasília: SEBRAE, 2012. P. 17-34.

FERVOLLI, Jaqueline. **Lei criada na Alesp que prevê aulas de finanças e empreendedorismo na rede estadual é sancionada**. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/noticia/?id=459588>. Acesso em: 08 mar. 2024.

FILHO, José Segundo. **Finanças Pessoais – Investa no seu Futuro**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.

FRANKENBERG, Louis. **Seu futuro financeiro: você é o maior responsável**. 9ª Edição. RJ: Campus, 1999.

FREITAS, Luis Claudio. **Como compor uma reserva financeira com o método 50-30-20?** Estadão. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/colunas/luis-claudio-agora-investimentos/metodo-50-30-20-elizabeth-warren/>. Acesso em: 09 jun. 2024.

GALLERY, N.; GALLERY, G.; BROWN, K.; FURNEAUX, C.; PALM, C. **Alfabetização financeira e decisões de investimento em pensões**. *Responsabilidade Financeira & Gestão*, v. 27, n. 3, p. 286-307, 2011.

Global Financial Literacy Excellence Center (GFLEC). **Financial Literacy Around The World**. Disponível em: https://gflec.org/wp-content/uploads/2015/11/3313-Finlit_Report_FINAL-5.11.16.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2024.

GRILLO, Guilherme. **Educação financeira: número de jovens inadimplentes no Brasil é preocupante**. Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/santarem-regiao/noticia/2022/11/18/educacao-financeira-numero-de-jovens-inadimplentes-no-brasil-e-preocupante.ghtml>. Acessado em 20 de março de 2024.

GUIMARÃES, Roberto Figueiredo. **Índice de Gini**. Disponível em: <https://www.abdib.org.br/indice-de-gini/>. Acessado em: 02 fev. 2024.

HAGSTROM, Robert. **O Jeito de Warren Buffett de Investir**. Saraiva Educação SA, 2017.

HALFELD, Mauro. **Investimentos: como administrar melhor seu dinheiro**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2007.

HILL, Napoleon. **Quem pensa enriquece**. 1. ed. São Paulo: Fundamento, 2009.

HUF, Eloá; ZDANOWICZ, José Eduardo. **A importância do planejamento financeiro pessoal: estudo de caso com as formandas 2016 do curso de administração das Faculdades Integradas de Taquara**. *Revista de Administração de Empresas Eletrônica-RAEE*, n. 7, p. 102-124, 2017.

AKATU, Instituto. **O que é consumo consciente?** Disponível em: <https://ciclovivo.com.br/planeta/desenvolvimento/o-que-e-consumo-consciente/>. Acessado em 02 de março de 2024.

INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO. **Modelo Pedagógico**. 1 ed. Recife: ICE, 43 p, 2015.

JA BRASIL. **Quem somos**. Disponível em: <https://jabrasil.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 4 jun. 2024.

KIYOSAKI, Robert T. **Independência financeira**. Gulf Professional Publishing, 2001.

KIYOSAKI, Robert T. **Pai rico, pai pobre**. 71. reimpr. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

KORTE, V. I. **Análise da inflação dos alimentos no período da pandemia de covid-19 no Brasil (2020-2022): causas e consequências no bem-estar da população**. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/27761/Korte_Ismael_Vin%c3%adcius_2023_TCC.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 14 mar. 2024.

KROEHN, Márcio. **Luiz Barsi: ‘O perfil do brasileiro é de um agiota por excelência’**. Estadão. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/investimentos/luiz-barsi-entrevista/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

KRÜGER, F. **Avaliação da educação financeira no orçamento familiar**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (TCC) - Faculdade de Tecnologia Pedro Rogério Garcia (FATTEP), Fundação Adolpho Bósio de Educação no Transporte (FABET), Santa Catarina.

LECLERCQ, François. **BRICS: construir a educação para o futuro: prioridades para o desenvolvimento nacional e a cooperação internacional**. UNESCO Publishing, 2014.

Lei nº 7.418, de 16 de dezembro de 1985. **Institui o Vale-Transporte e dá outras providências**. Casa Civil do Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17418.htm. Acesso em: 09 jun. 2024.

LIZOTE, S. A.; & VERDINELLI, M. A. **Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis**. In: Congresso USP de Controladoria E Contabilidade, 14., 2014, São Paulo. Anais do Congresso USP de Controladoria e Contabilidade. São Paulo: USP, 2014.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. **Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis**. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 14, 2014, São Paulo. Anais... São Paulo, FEA/USP, 2014.

MACEDO JUNIOR, Jurandir Sell. **A árvore do dinheiro: Guia para cultivar a sua independência financeira**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

MARANHÃO, Secretaria de Estado da Educação. **Caderno de orientações pedagógicas para eletivas**. São Luís, 2022.

MARANHÃO. Secretaria de Estado da Educação. **Documento curricular do território maranhense: ensino médio / Maranhão, Secretaria de Estado da Educação**. São Luís, 2022.

MINAS. **Estado de. África do Sul é o país mais desigual do mundo, diz Banco Mundial**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2022/03/09/interna_internacional,1351431/africa-do-sul-e-o-pais-mais-desigual-do-mundo-diz-banco-mundial.shtml. Acesso em: 08 abr. 2024.

Minfin.gov.ru. **Ministério das Finanças da Rússia**. Disponível em: <https://minfin.gov.ru/>. Acesso em: 23 de abril de 2024.

Ministério da Educação (MEC). **Conferências sobre educação financeira acontecerão em maio**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/35987-educacao-financeira>. Acesso em: 09 abr. 2024.

MODERNELL, A. **Afinal, o que é educação financeira?**. Disponível em: <http://ucho.info/afinaloque-e-educacao-financeira>. Acesso em: 28 março 2024.

MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. Ciência e Educação: Bauru, v9, n2, p.191-210, 2003.

National Centre for Financial Education (NCFE). **National Strategy for Financial Education (NSFE) 2020-25**. Disponível em: <https://old.ncfe.org.in/reports/nsfe/nsfe2025>. Acesso em: 08 abr. 2024.

National Centre for Financial Education (NCFE). **Sobre Nós**. Disponível em: <https://old.ncfe.org.in/aboutus>. Acesso em: 08 abr. 2024.

Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Econômico (OCDE). **OECD's Financial Education Project**. Assessoria de Comunicação Social, 2004. Disponível em: www.oecd.org/. Acessado em 02 de fevereiro de 2024. Páginas 221 – 228.

OLIVIERI, Maria de Fátima Abud. **Educação Financeira**. *Eniac Pesquisa*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 43 - 51, jan. 2013. Disponível em: https://ojs.eniac.com.br/index.php/EniacPesquisa/article/view/108/pdf_9. Acesso em: 01 abril 2024.

ORTON, Larry. **Alfabetização Financeira: Lições da experiência internacional**. Relatório de Pesquisa da Rede de Pesquisa de Políticas Canadenses - CPRN. Setembro de 2007.

PASSOS, E. S. "**Das Adam Smith Problem**" - Uma análise comparativa das obras a teoria dos sentimentos morais e a riqueza das nações de Adam Smith. 2006. 75 f. Graduação (Ciências Econômicas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

PICCINI, Ruberlan Alex Bilha; PINZETTA, Gilberto. **Planejamento financeiro pessoal e familiar**. *Unoesc & Ciência-ACSA*, v. 5, n. 1, p. 95-102, 2014.
PINHEIRO, R. P. **Educação financeira e previdenciária, a nova fronteira dos fundos de pensão**. São Paulo: Peixoto Neto, 2008.

ROCHA, Ricardo Humberto. **Educação financeira em pauta**. Disponível em: <http://www.hsm.com.br/artigos/educacao-financeira-em-pauta>. Acesso em: 10 mar. 2024.

SCHIFFMAN, Lean G; KANUK, Leslie L. **Comportamento do consumidor**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

SEBRAE. **Pessoa física - planejamento e controle pessoal**. Bahia, 2013.

SERASA. **Seis em cada dez casais brasileiros fazem o controle mensal das finanças**. Disponível em: <https://www.serasa.com.br/imprensa/seis-em-cada-dez-casais-brasileiros-fazem-o-controle-mensal-das-financas/>. Acesso em: 13 de fevereiro de 2024.

SILVA, E.D. **Gestão em Finanças Pessoais: uma metodologia para se adquirir educação e saúde financeira**. Rio de Janeiro: Quatymark, 2004.

SILVA, R. A. **O caos financeiro e seu fator desagregador nas famílias**. São Paulo: Financexperto, 2020.

SILVEIRA, Matheus da Silva. **Gestão Financeira Pessoal e Tomada de Decisão de Investimento**. [Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do grau de Bacharel em Administração – Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Porto Alegre 2014.

SMITH, Adam. **A riqueza das nações investigação sobre sua natureza e suas causas**. Editora Nova Cultural, 1996.

SOUSA, Lana Cristal Moura. **Celulares inteligentes: uma discussão sobre cultura do consumo, publicidade e tecnologia**. 2019.

SOUZA, Rodrigo de. **A Educação Financeira: Planejamento**. Disponível em: https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/7953/1/Rodrigo_de_Souza_TCC_2.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**. Editora Agir, 2010.

TEIXEIRA, A. de O. et al. **Vantagens e desvantagens da implantação da disciplina educação financeira nas escolas de ensino médio na cidade de Pinhais – PR**. 2010. 82 f. Monografia (Graduação em Administração de Empresas) – Faculdades de Pinhais, Pinhais, 2010.

TESOURO DIRETO. **Simulador**. Disponível em: <https://www.tesourodireto.com.br/simulador/>. Acesso em: 06 jun. 2024.